

# *A mudança de caligrafia nas psicografias*



*Paulo Neto*

# **A mudança de caligrafia nas psicografias**

(Versão 2)

“O Espiritismo, ao contrário, não admite a confiança cega; quer ser claro em tudo; quer que lhe compreendam tudo, que se deem conta de tudo.” (ALLAN KARDEC)

**Paulo Neto**

Copyright 2021 by  
Paulo da Silva Neto Sobrinho (Paulo Neto)  
Belo Horizonte, MG.

Capa:

[https://  
alternativaespirita.files.wordpress.com/  
2016/10/unnamed.jpg](https://alternativaespirita.files.wordpress.com/2016/10/unnamed.jpg)

Revisão:

Hugo Alvarenga Novaes

Diagramação:

Paulo Neto

site: [www.paulosnetos.net](http://www.paulosnetos.net)

e-mail: [paulosnetos@gmail.com](mailto:paulosnetos@gmail.com)

Belo Horizonte, novembro/2021.

# Agradecimentos

Não podemos deixar de registrar o nosso  
agradecimento aos amigos:

Artur Felipe Ferreira

Felipe Lúcio da Silva Neto

Fernando Luís Costa Lemos

Guilherme Velho

Hubert Jardim

Rosana Netto Nunes Barroso

Thiago Toscano Ferrari

pelas valiosas sugestões, como também  
pelo apoio e incentivo para que  
publicássemos o presente ebook.

# Índice

Apresentação.....	5
Prefácio.....	7
Introdução.....	15
O tema nas obras da Codificação Espírita.....	17
Os casos registrados na <i>Revista Espírita</i> .....	22
Cuidado: há falsários no além-túmulo.....	34
Autores espíritas clássicos.....	41
Análise grafotécnica de mensagem em italiano....	49
Nova hipótese para a classificação o fenômeno....	52
Conclusão.....	95
Referências bibliográficas.....	100
Dados biográficos do autor.....	104

## **Apresentação**

Ao conhecer esta nova obra do confrade Paulo Neto, não havia me ocorrido a importância da pesquisa que ele empreendeu na questão da mudança na caligrafia dos Espíritos que se manifestavam através da psicografia nos médiuns, serem diferentes do veículo comunicante.

Este é um fenômeno amparado na Codificação Espírita e em autores clássicos que estudaram o fenômeno, com o aval da ciência, dita a grafotécnica, e peritos da área que comprovam não somente a caligrafia dos Espíritos ao se comunicarem, como também suas assinaturas.

Dessa forma, convido os estimados leitores a conhecerem o conteúdo desta obra que está fundamentada e amparada, não somente na Codificação Espírita e seus autores clássicos, mas também na própria ciência que dá o seu veredicto, lançando uma pá de cal no ceticismo e

fundamentalismo que tentam, de forma hercúlea, desqualificar as comunicações espíritas, ante suas ideologias vazias e sem sentido.

Thiago Toscano Ferrari  
Engenheiro e Administrador do GAE

29/12/2021

## **Prefácio**

O saudoso italiano Dino Segrè, conhecido como Pitigrilli, destacando-se pelos seus escritos humorísticos, bem satíricos, atingindo a sociedade e os costumes de sua época, definiu o prefácio como “aquilo que se escreve depois, imprime-se antes e não se lê antes, nem depois”.

Portanto, embasados nesse famoso escritor, nos sentimos consolados, na elaboração do presente trabalho, desde que o querido Paulo Neto, um gigante discípulo de Kardec, natural de Guanhães, MG, muito conhecido entre os estudiosos espíritas, dispensa qualquer apresentação e, iniciando-se a leitura da obra em apreço, pulando o prefácio, o leitor se deparará, o mais rápido possível, com um excelente material de pesquisa, o que já é comum, vindo da lavra de Neto.

Como de hábito, o estudioso mineiro realiza uma hábil tarefa, perscrutando diversas fontes bibliográficas, trazendo a lume uma esmerada laboração, um estudo que nos faz recordar, com grande júbilo, a pena sublime do magnânimo codificador da Doutrina Espírita. Aliás, Paulo Neto, dando as mãos a Kardec, como sempre, quer ser claro em tudo, o que, de per si, já credencia todos os seus trabalhos de pesquisa de ordem espiritista.

Na Introdução, o autor menciona a grafoscopia ou perícia gráfica, que tem o escopo de verificar a autenticidade das escritas psicográficas, reconhecendo a grafia, procurando compará-la com outra. Desde então, o leitor está sendo preparado para se deleitar com um assunto tão fascinante, a comprovação pela ciência grafotécnica de algumas mensagens, contendo a caligrafia e a assinatura legítima do emissor espiritual. Na página 32, Neto se aprofunda, citando as pesquisas realizadas pelo perito judiciário em documentoscopia Carlos Augusto Perandrée, eminente professor do Departamento de Patologia, Legislação e Deontologia da Universidade de Londrina, o qual

merece de nossa parte o reconhecimento pelo edificante trabalho realizado e a coragem demonstrada em divulgá-lo.

O tema é cada vez mais enriquecido com várias buscas conseguidas na *Revista Espírita* e na obra *O céu e o Inferno*, como, igualmente, nos autores clássicos, salientando-se Alexandre Aksakof, relatando um caso de manifestação psicográfica do espírito de uma pessoa encarnada, à qual se encontrava, por ocasião da manifestação mediúnica, adormecida e que, antes de pegar no sono, estava pensando nos seus familiares, os mesmos que estavam presentes no momento de sua mensagem psicográfica. A seguir, os relatos valiosos de Léon Denis e Ernesto Bozzano, todos corroborando o fenômeno mediúnico no qual a caligrafia do Espírito comunicante é igual à que possuía quando vivo.

Bozano, por exemplo, afirma que uma memorável prova da identificação caligráfica não se limita apenas à transcrição de uma simples assinatura, o que sempre poder-se-ia atribuir a um fenômeno incomum denominado de criptomnésia.

Ressalta a importância “do conhecimento de numerosos incidentes pessoais, ignorados por todos os presentes e comprovadamente verídicos”, como também, enfatiza o reconhecimento das características do estilo, da personalidade intelectual e moral do falecido.

Digno de registrar, inclusive, nas psicografias, o fenômeno da xenoglossia, quando o comunicante espiritual se expressa por meio de idioma desconhecido do médium, o que, igualmente, autentifica o fenômeno, fazendo jus apontar as mensagens, em italiano, em inglês ao reverso e luxemburguês, realizadas pelo saudoso e querido Chico Xavier (Fonte: *O Consolador*, 19/09/2010 e 26/09/2010, Paulo da Silva Neto Sobrinho).

Em sua obra, o autor traz a abalizada palavra do discípulo do “Espírito da Verdade”, Allan Kardec, relatando que sempre são valorizadas, em qualquer comunicação, a despeito da semelhança da caligrafia e da assinatura, as provas de identidade contidas na linguagem e nas circunstâncias fortuitas. O codificador alerta que “há falsários no mundo dos espíritos, como os há na Terra”.

Importante assinalar que a Doutrina Espírita enfatiza que “o médium escreve sob a influência dos espíritos, que se servem dele como de um instrumento; sua mão é acionada por um movimento involuntário que, na maior parte das vezes, ele não consegue dominar” (*O Que é o Espiritismo*, p. 171). “Nesta circunstância, o que caracteriza o fenômeno é que o médium não tem a menor consciência do que escreve” (*O Livro dos Médiuns*, p. 184).

Acreditamos que a anatomia e a fisiologia podem contribuir muito para o entendimento físico de um movimento involuntário que a pessoa não consegue dominar. A origem da ação dos membros superiores se faz a partir do plexo braquial, conjunto de tecido nervoso que é constituído de fibras formadas pelos ramos ventrais das raízes dos quatro nervos cervicais inferiores e do primeiro nervo torácico (C5-C8 e T1). Seus ramos se irradiam como grandes nervos responsáveis pela inervação cutânea e motora de todo o membro superior, cuja parte terminal e principal é a mão.

Por conseguinte, sendo o espírito o agente

estruturador do corpo físico, o plexo braquial, certamente, é ligado a um semelhante extrafísico (o esoterismo o denomina de chacra), podendo ser, portanto, manipulado por um comunicante espiritual, “perispírito agindo sobre o outro perispírito” (*Revista Espírita 1861*, mês de julho), o que explicaria o movimento dos membros superiores sem o controle do sensitivo, favorecendo o fenômeno mediúnico, principalmente o da escrita e da pintura. Nesse momento, o médium pode estar consciente e com o pensamento voltado para outra direção, sendo apontado como “médium escrevente mecânico”, sem atuação do ser espiritual comunicante sobre o cérebro do médium. (*O Que é o Espiritismo*, p. 94-95) Essa variedade mediúnica pode ocorrer com médiuns iletrados, outros sem capacidade de desenhar e sem ter jamais tido um buril em sua vida para gravação em metal ou madeira. Até mesmo a possibilidade de pintar no escuro, utilizando dois membros simultaneamente, como observamos no saudoso médium Luiz Antônio Gasparetto.

Em outra oportunidade, Kardec relata que “o

lápiz se move sem que a mão consiga detê-lo” (*O Livro dos Médiuns*, cap. XVII: 213). Também há uma observação da médium Sra. Travers-Smith, transcrito da obra *O Retorno de Oscar Wilde*, autoria de Ernesto Bozzano, enfatizando que “o lápis estava seriamente governado a tal ponto que me oferecia alguma dificuldade para conduzi-lo do fim de uma linha ao começo da outra”.

É claro que existem muitas variedades de psicografia; contudo, todas convergem no médium tendo consciência ou não do que está sendo revelado. Importante observar, nesse tema, é que a espiritualidade superior sabe como proceder, porquanto existem médiuns de fácil manejo ou não, bem aparelhados ou não.

O autor cita inúmeras fontes, com muita propriedade, algumas até relacionando-as com a possibilidade de acontecer um fenômeno originalmente de efeito físico, como até mesmo a hipótese de as comunicações escritas terem a incorporação como veículo de transmissão, perfeitamente válida e possível, como os leitores poderão observar.

Realmente, sendo o assunto verdadeiramente fascinante e muito importante para os que estudam a mediunidade, em particular, a psicografia, louvamos o presente trabalho do amigo Paulo Neto, ressaltando, mais uma vez, a profunda e efetiva pesquisa realizada, elaborando um trabalho assaz minucioso, em se tornando em mais uma fonte de consulta do assunto.

Encerrando, recomendamos aos distintos leitores, a leitura de tão precioso e-book de valor considerável provindo de uma pena tão destacável na imprensa espírita, como a do brilhante escritor Paulo da Silva Neto Sobrinho, que nos proporciona a honra de prefaciар tão importante trabalho de pesquisa espírita.

Dr. Américo Domingos Nunes Filho

Escritor espírita

25/11/2021

## Introdução

Embora, na atualidade, seja uma ocorrência até rara, acontece de surgir determinados médiuns que, ao psicografar determinada mensagem, não a escreve com a caligrafia que lhe é própria, mas com aquela que o Espírito manifestante possuía quando vivo. Fato atestado por quem o conhecia ou por análise de algum documento que contém a caligrafia que possa ser comparada com a que se questiona.

Nos tempos atuais, podemos utilizar da grafotecnia, uma das subdivisões da Documentoscopia, cuja definição tomaremos do site da **Associação Portuguesa de Ciências Forenses - APCF**:

De entre as várias subdivisões da Documentoscopia descritas anteriormente, a Grafotecnia assume um papel de destaque. **A Grafotecnia é a área da Documentoscopia que analisa a escrita manuscrita, com o objetivo**

**de averiguar a sua veracidade ou de identificar o seu autor.** Neste contexto a escrita, que resulta de um comportamento psicomotor extremamente complexo, é utilizada para a identificação do seu autor, após a ocorrência de um processo de personalização que a torna única e distinta das demais. No âmbito da Grafotecnia diferenciam-se os exames periciais de veracidade e de autoria de escrita, não tecendo o perito grafotécnico quaisquer juízos sobre a personalidade dos indivíduos envolvidos. (1)

Em um capítulo mais à frente apresentaremos um documento que foi submetido à perícia técnica de um grafotécnico.

Na Codificação encontramos algumas referências de Allan Kardec (1804-1869) a essa singularidade mediúnica, conforme veremos a seguir.

Informamos que todos os grifos em negrito são nossos. Quando ocorrer de não ser, informaremos.

## O tema nas obras da Codificação Espírita

Do artigo “Diferentes Modos de Comunicação”, publicado na *Revista Espírita 1858*, mês de janeiro, transcrevemos o seguinte trecho:

O segundo modo de **comunicação é a escrita**; nós o designaremos sob o nome de *psicografia*, igualmente empregada por um correspondente.

Para se comunicarem pela escrita, os Espíritos empregam, como intermediárias, certas pessoas dotadas da **faculdade de escrever sob a influência da força oculta** que as dirige, e que cedem a um poder, evidentemente, fora do seu controle; porque elas não podem nem se deter, nem prosseguir à vontade, e, o mais frequentemente, não têm consciência do que escrevem. Sua mão é agitada por movimento involuntário, quase febril; tomam o lápis, a seu malgrado, e o deixam do mesmo modo; nem a vontade, nem o desejo podem fazê-la seguir, caso não o deve. É a *psicografia direta*.

A escrita é obtida, também, pela só imposição

das mãos sobre um objeto convenientemente disposto e munido de um lápis, ou de qualquer outro instrumento próprio para escrever. **Os objetos mais geralmente empregados, são as pranchetas ou as cestas** dispostas para esse efeito. A força oculta, que age sobre a pessoa, se transmite ao objeto que se torna, assim, **um apêndice da mão**, e lhe imprime o movimento necessário para traçar os caracteres. É a *psicografia indireta*.

As comunicações transmitidas pela psicografia são mais ou menos extensas, segundo o grau da faculdade mediadora. Alguns não obtêm senão palavras; em outros, a faculdade se desenvolve pelo exercício, e escrevem frases completas, e, frequentemente, dissertações desenvolvidas sobre assuntos propostos, ou tratados espontaneamente pelos Espíritos, sem serem provocados por nenhuma pergunta.

À escrita é, algumas vezes, limpa e muito legível; de outras vezes, não é decifrável senão por aquele que escreve, e que a lê, então, por uma espécie de intuição ou de dupla visão.

Sob a mão da mesma pessoa, **a escrita muda, em geral, de modo completo, com a inteligência oculta que se manifesta**, e o mesmo caráter de escrita se reproduz cada vez que a mesma inteligência se manifesta de novo. Esse fato, entretanto, nada tem de absoluto. <sup>(2)</sup>  
(itálico do original)

Fácil agora, para todos nós, entender o que seja psicografia. A mensagem recebida por esse modo, conforme a natureza do médium, pode conter a letra do próprio Espírito manifestante.

Da Introdução de **O Livro dos Espíritos**, destacamos o seguinte trecho do item XII:

[...] Dissemos que **a caligrafia do médium muda geralmente com o Espírito evocado**, e que **essa caligrafia se reproduz exatamente igual toda vez que o mesmo Espírito se manifesta**. Constatou-se inúmeras vezes, sobretudo para pessoas falecidas recentemente, que **a escrita denota flagrante semelhança com a que tinha essa pessoa em vida; têm-se obtido assinaturas de perfeita exatidão**. Longe estamos, entretanto, de dar esse fato como regra e menos ainda como regra constante; apenas o mencionamos como digno de nota. <sup>(3)</sup>

O interessante é o fato de que todas as vezes que um determinado Espírito se manifestava a caligrafia dele não mudava, mantendo-se semelhante, ou, em alguns casos, exatidão com a que tinha quando vivo.

Em **O Livro dos Médiuns**, cap. XVII -

Formação dos Médiuns, tópico “Mudança de caligrafia”, lemos:

219. **Um fenômeno muito comum nos médiuns escreventes é a mudança de caligrafia**, conforme os Espíritos que se comunicam. **O que há de mais notável, é que a mesma caligrafia se reproduz, constantemente, com determinado Espírito**, sendo às vezes idêntica à que ele tinha em vida. [...] **A mudança de caligrafia só se dá com os médiuns mecânicos ou semimecânicos, porque neles o movimento da mão é involuntário e dirigido pelo Espírito**. O mesmo já não acontece com os médiuns puramente intuitivos, visto que, neste caso, o Espírito atua unicamente sobre o pensamento, sendo a mão dirigida, como nas circunstâncias habituais, pela vontade do médium. [...]. (4)

A particularidade da mudança de caligrafia, conforme bem acentua o Codificador, é que ela só acontece com os médiuns mecânicos ou semimecânicos, porquanto, é neles que a ação do Espírito manifestante dirigindo ou controlando a mão do médium se evidencia.

Hoje, diante de tudo que pesquisamos, a nossa visão, quanto a esses médiuns, é que há uma

incorporação no verdadeiro sentido semântico do termo. Ela pode ocorrer com relação ao corpo físico do medianeiro ou somente nos braços. Mais à frente, voltaremos a esse assunto.

No item 159, cap. XIV - Médiuns de *O Livro dos Médiuns*, temos o esclarecimento de que médiuns escreventes são os também designados de psicógrafos. (5)

## Os casos registrados na *Revista Espírita*

O Codificador registrou alguns casos na *Revista Espírita*, vejamos os seguintes trechos da narrativa deles:

a) ***Revista Espírita 1858***, mês de janeiro, no tópico “Evocações Particulares”:

MÃE, ESTOU AQUI!

A senhora X havia perdido, há alguns meses, sua filha única, de catorze anos de idade, objeto de toda a sua ternura, [...] A mãe, inconsolável com essa perda, [...] Instruída quanto à possibilidade de se comunicar com os seres de além-túmulo, a senhora X resolveu procurar, em uma conversa com a sua criança, um alívio para sua pena. Uma dama de seu conhecimento era médium, mas, pouco experimentadas, uma e outra, para semelhantes evocações, sobretudo, em uma circunstância tão solene, me convida para assistir. Não éramos senão três: A mãe, a médium e eu. Eis o resultado dessa primeira sessão.

A MÃE. Em nome de Deus Todo-Poderoso,

Espírito de Julie X, minha filha querida, eu te peço vir se Deus o permite.

JULIE. Mãe! Eu estou aqui.

A MÃE É mesmo tu, minha criança, quem me responde? Como posso saber que és tu?

JULIE. Lili.

(Era um pequeno nome familiar dado à jovem, em sua infância; não era conhecido nem pelo médium nem por mim, já que, desde vários anos, não a chamava senão pelo seu nome de Julie. A esse sinal, a identidade era evidente; a mãe, no podendo dominar sua emoção, explode em soluços).

JULIE. Mãe! Por que se afligir? Sou feliz; bem feliz; não sofro mais e te vejo sempre.

A MÃE. Mas eu não te vejo. Onde estás?

JULIE. Aí; ao lado de ti, **minha mão sobre a senhora Y (a médium) para fazer com que escreva, o que te digo. Veja minha escrita. (A escrita era, com efeito, a da sua filha.)**

A MÃE. Tu dizes: minha mão; tens, pois, um corpo?

JULIE. Não tenho mais esse corpo que me fazia sofrer; mas tenho dele a aparência. Não estás contente, que eu não sofra mais, uma vez que posso conversar contigo? <sup>(6)</sup>

No diálogo a letra não era da médium, mas, sim de Julie, o Espírito que se manifestou por ela.

b) **Revista Espírita 1858**, mês de novembro, artigo “Uma noite esquecida ou a feiticeira Manouza”:

Perguntar-se-á, sem dúvida, que provas tínhamos que o Espírito que se comunicava era o de **Frédéric Soulié**, antes que qualquer outro. Não é aqui o caso de tratar a questão da identidade dos Espíritos; diremos somente que o de Soulié se revelou por mil circunstâncias de detalhes que não podem escapar a uma observação atenta; só uma palavra, um chiste, um fato pessoal narrado, vieram nos confirmar que era bem ele; **várias vezes deu sua assinatura que foi confrontada com originais**. Um dia pediram que desse seu retrato, e o médium, que não sabe desenhar, que nem jamais o viu, traçou um esboço de uma semelhança marcante. (7)

A visita ao grupo pelo Espírito Frédéric Soulié era constante, daí a afirmação “várias vezes deu sua assinatura que foi confrontada com originais”.

c) **Revista Espírita 1860**, mês de março, artigo “Estudos sobre o Espírito de Pessoas vivas – O Doutor Vignal”:

Ninguém tendo pensado em chamar esse Espírito, o senhor Belliol perguntou se seria o do doutor Cauvière, de Marselha, do qual fora outrora aluno. - R. Sim, sou eu, morto há um ano e meio.

Nota. O senhor Belliol **reconhece a assinatura** como a do doutor Cauvière; **mais tarde pôde-se compará-la a uma assinatura original, e constatar à perfeita semelhança da escrita e da rubrica.** <sup>(8)</sup>

Além do reconhecimento da assinatura por uma pessoa, posteriormente ela também foi comparada a original.

d) **Revista Espírita 1860**, mês de setembro, artigo “Boletim - sexta-feira, 24 de agosto de 1860 (Sessão Geral)”:

Em seguida a alguns belos pensamentos escritos por um Espírito que não se assina, um outro Espírito, que já se manifestou à senhorita L. J..., vem trazer obstáculos fazendo-a quebrar os lápis, e fazer traços que denotam um sentimento de cólera. Ao mesmo tempo ele se comunica pelo Sr. Jules Rob..., e responde laconicamente, e com altura, às perguntas que lhe são dirigidas.

É o **Espírito de um soberano estrangeiro**, conhecido pela violência de seu caráter.

Convidado a assinar seu nome, ele o faz de duas maneiras. **Um dos assistentes, ligado ao governo de seu país, e que suas funções o colocavam mesmo a ver, frequentemente, a sua assinatura, reconheceu numa as de peças oficiais, e na outra a de cartas particulares.** <sup>(9)</sup>

No presente caso, a assinatura foi reconhecida por alguém que, por suas funções, tinha contato com vários documentos oficiais onde ela constava.

e) **Revista Espírita 1861**, mês de janeiro, tópico “Comunicações diversas”, do boletim da Sociedade de Paris, realizado na “Sexta-feira, 14 de dezembro de 1860 – Sessão geral”:

3º Fato pessoal ao Sr. Allan Kardec e que pode ser considerado uma prova de identidade do Espírito de um personagem antigo. **A Senhorita J... teve várias comunicações de João Evangelista, e cada vez com uma escrita muito caracterizada e muito diferente da sua escrita normal.** A seu pedido, o Sr. Allan Kardec, tendo **evocado esse Espírito, pela senhora Costel, achou que a escrita tinha exatamente o mesmo caráter da senhorita J...**, embora o novo médium dela não tivesse nenhum conhecimento; além do mais o movimento da

mão tinha uma doçura desacostumada, o que era ainda uma semelhança; enfim, as respostas concordavam em todos os pontos com aquelas feitas pela senhorita J... e nada na linguagem que não estivesse à altura do Espírito evocado.  
(<sup>10</sup>)

O que merece destaque é o fato de o Espírito João Evangelista manifestar-se por duas médiuns – Srta. J... e Sra. Costel – e ainda assim manter a característica caligráfica.

f) **Revista Espírita 1861**, mês de fevereiro, artigo “O suicídio de um ateu”, que relata o diálogo de duas evocações do Sr. J. B. D..., que voluntariamente se afogou dois anos antes. Vamos direto ao trecho que nos interessa:

O resultado dessas duas evocações, sendo transmitido à pessoa que nos pedira para fazê-las, recebemos dela a resposta seguinte:

“Não podeis crer, senhor, o grande bem produzido pela evocação de meu sogro e de meu tio. **Reconhecemo-los perfeitamente; sobretudo a escrita do primeiro tem uma analogia marcante com aquela que tinha quando vivo**, tanto melhor que, durante os últimos meses que passou conosco, **ela era**

**brusca e indecifrável; nela se encontra a mesma forma das pernas das letras do parágrafo e de certas letras, principalmente os d, f, o, p, q, t.** Quanto às palavras, às expressões e ao estilo, é ainda mais surpreendente; para nós a analogia é perfeita, senão que está mais esclarecido sobre Deus, a alma e a eternidade que negava tão formalmente outrora. **Estamos perfeitamente convencidos de sua identidade;** Deus nisso será glorificado pela vossa crença mais firme no Espiritismo e nossos irmãos, Espíritos ou viventes, com isso se tornarão melhores. A identidade de seu irmão não é menos evidente; com a diferença imensa do ateu ao crente, reconhecemos o seu caráter, o seu estilo, as suas formas de frases; uma palavra sobretudo nos surpreendeu, é a de *panaceia*; era a sua palavra habitual; Ele a dizia e repetia a todos e a cada instante.” <sup>(11)</sup> (itálico do original)

Um dos Espíritos que se manifestou teve sua caligrafia reconhecida pelo genro que, pelos laços familiares, bem a conhecia.

Este caso consta de *O Céu e o Inferno*, Segunda Parte, cap. V - Suicidas, caso “Um ateu”.  
(<sup>12</sup>)

g) **Revista Espírita 1861**, mês de setembro, tópico “Dissertações e ensinamentos espíritas”,

mensagem II de “Um Espírito israelita ao seus correligionários”, destacamos o seguinte trecho:

Meus amigos,

Não fiquéis surpresos lendo esta comunicação. Ela vem de mim, Edouard Pereyre, vosso parente, vosso amigo, vosso compatriota. Fui bem eu quem a ditou a meu sobrinho Rodolfo, de quem tenho a mão para **fazê-la escrever conforme a minha letra**. Tomo esta pena para melhor vos convencer, porque é uma fadiga para o médium e para mim, o médium devendo seguir um movimento contrário àquele que lhe é habitual. <sup>(13)</sup>

O próprio manifestante informa que age sobre o médium buscando fazê-lo escrever conforme a sua letra.

h) **Revista Espírita 1861**, mês de novembro, artigo “O Espiritismo em Bordeaux”:

Entre os médiuns que vimos há um que merece uma menção especial; é **uma jovem de dezenove anos** que, à faculdade de médium escrevente, junta a de médium desenhista e de médium musicista. **Ela anotou, mecanicamente, sob o ditado de um Espírito que disse ser**

**Mozart**, um trecho de música que este não renegou. **Assinou-o, e várias pessoas que viram o seu autógrafo afirmaram a perfeita identidade da assinatura.** Mas o trabalho mais notável, sem contradita, é o desenho; é um quadro planetário de 4 metros quadrados superficiais, de um efeito tão original e tão singular, que nos seria impossível dar dele uma ideia pela descrição. [...]. <sup>(14)</sup> (itálico do original)

O detalhe aqui é o fato da assinatura de Mozart ter sido reconhecida por várias pessoas, que confirmaram sua autenticidade.

É oportuno também trazeremos um trecho do artigo sobre caligrafia publicado na **Revista Espírita 1858**, mês de julho. Nele é registrado o diálogo com o Espírito Bertrand, com 20 respostas a ele dirigidas.

Para sermos bem objetivos, iremos somente até a pergunta que nos interessa no presente estudo. Vejamos:

Uma Lição de Caligrafia por um Espírito

Em geral os Espíritos não são mestres em caligrafia, pois ordinariamente a escrita do

médium não se notabiliza pela elegância. **O Sr. D..., um de nossos médiuns, apresentou a respeito um fenômeno excepcional**, isto é, escreveu muito melhor sob a influência dos Espíritos do que sob a sua própria inspiração. **Sua escrita normal é péssima** (da qual não se envaidece, dizendo que é a dos grandes homens); **toma um caráter especial, muito distinto, conforme o Espírito que se comunica, e é sempre a mesma com o mesmo Espírito, porém mais nítida, mais legível e mais correta**; com alguns, é uma espécie de escrita inglesa, traçada com certa ousadia. **Um dos membros da Sociedade, o Dr. V..., teve a ideia de evocar um distinto calígrafo, tendo como motivo de observação o estudo da caligrafia.** Conhecia um, chamado Bertrand, falecido há cerca de dois anos, com o qual tivemos, numa outra sessão, a conversa que se segue:

1. À fórmula de evocação, respondeu: Eis-me aqui.

2. Onde estáveis quando vos evocamos?

Resp. – Já me encontrava perto de vós.

3. Sabeis qual o principal objetivo que nos levou a solicitar que viésseis?

Resp. – Não; mas desejo sabê-lo.

Observação – O Espírito do Sr. Bertrand ainda se acha sob a influência da matéria, como era de supor, tendo em vista sua vida terrena; sabe-se que tais Espíritos são menos aptos a ler o

pensamento do que aqueles que estão mais desmaterializados.

4. **Gostaríamos que fizésseis reproduzir pelo médium uma escrita caligráfica que possuísse as características da que tínheis em vida. Vós o podeis?**

Resp. – **Eu o posso.**

Observação – A partir desse momento **o médium**, que não procede de acordo com as regras ensinadas pelos professores de caligrafia, **tomou, sem que percebesse, uma postura correta, tanto em relação ao corpo quanto à mão.** Todo o resto da conversa foi escrito como **o fragmento cujo fac-símile reproduzimos.** Como termo de comparação, damos acima a escrita normal do médium. <sup>(15)</sup>

Fica evidenciado que o médium Sr. D..., cuja “caligrafia normal é muito má”, adquire, no momento da psicografia, um carácter especial, muito distinto, que se modifica a cada Espírito que se comunica, porém sempre era a mesma para o mesmo Espírito.

O *fac-símile* com a caligrafia do médium e as que produzia quando das manifestações <sup>(16)</sup>.

Écriture normale du médium.

Que cette doctrine de salut air ché  
 au non réelle, peu importe ! Chacun  
 pourra croire à cet égard ce  
 qu'il vaudra.

ÉCRITURE DE L'ESPRIT DE M<sup>r</sup> BERTHARD

par le même médium.

N<sup>o</sup> Les N<sup>os</sup> correspondent aux questions proposées (Voyez page 196.)

- 4 Je le suis
- 5 Quelquesunes
- 6 Le suis moi en 1856
- 7 56 ans
- 8 St Germain
- 9 Je sais de contenter  
 mon corps

Imp. Villain, r. de Sévres, 45, Paris.

Na sequência, veremos outras fontes.

## **Cuidado: há falsários no além-túmulo**

O Codificador extremamente prudente, não via a mudança de caligrafia como prova incontestável da identidade dos Espíritos.

Em ***O Livro dos Médiuns***, Segunda parte, cap. XXIV - Identidade dos Espíritos, no tópico “Provas possíveis de identidade”, lemos:

255. A questão da identidade dos Espíritos é uma das mais controvertidas, mesmo entre os adeptos do Espiritismo. De fato, **os Espíritos não nos trazem uma carteira de identidade e sabe-se com que facilidade alguns dentre eles tomam nomes que nunca lhes pertenceram.** Justamente por isso, esta questão de identidade é, depois da obsessão, uma das maiores dificuldades que apresenta o Espiritismo prático. Todavia, em muitos casos, a identidade absoluta não passa de questão secundária e sem importância real.

**A identidade de personagens antigas é a mais difícil de se conseguir, tornando-se muitas vezes impossível mesmo, de modo que ficamos**

limitados a uma apreciação puramente moral. Julgam-se os Espíritos, como os homens, pela sua linguagem. Se um Espírito se apresenta com o nome de Fénelon, por exemplo, e diz trivialidades e puerilidades, está claro que não pode ser ele. Porém, se as coisas que diz são dignas do caráter de Fénelon e este não as desaprovava, haverá, quando não uma prova material, pelo menos toda probabilidade moral de que seja de fato ele. [...].

256. [...].

Dá-se a mesma coisa todas as vezes que um Espírito superior **se comunica espontaneamente, sob o nome de uma personagem conhecida. Nada prova que seja exatamente o Espírito dessa personagem;** porém, se ele nada diz que desminta o caráter desta última, há presunção de que seja ele, podendo-se dizer, em todos os casos que, se não é ele, é um Espírito do mesmo grau de elevação ou talvez até um enviado seu. [...].

**A situação é outra, quando um Espírito de ordem inferior se enfeita com um nome respeitável, para dar mais crédito às suas palavras.** Este caso é de tal modo frequente que toda precaução não será exagerada contra semelhantes substituições. É graças a esses nomes emprestados e, sobretudo, com o auxílio da fascinação, que alguns Espíritos sistemáticos, mais orgulhosos do que sábios, procuram fazer que se aceitem as mais ridículas ideias.

**257. A identidade é muito mais fácil de ser com provada quando se trata de Espíritos contemporâneos**, cujos hábitos e características são conhecidos, porque são justamente esses hábitos, de que ainda não tiveram tempo de abandonar, que nos permitem reconhecê-los, constituindo isso um dos sinais mais seguros de identidade. **O Espírito, sem dúvida, pode dar provas de identidade, em atenção ao pedido que se lhes faça nesse sentido**, mas só o faz quando isso lhe convém. [...]. (17)

São orientações preciosíssimas que, certamente, nos livrará de cair na “lábria” de um falsário.

Um pouco mais à frente, no item 260, de **O Livro dos Médiuns**, cap. XXIV – Identidade dos Espíritos, tópico “Provas possíveis de identidade”, Allan Kardec aborda a questão dos falsários:

**Pode-se também incluir entre as provas de identidade a semelhança da caligrafia e da assinatura.** Mas, além de nem todos os médiuns serem capazes de obter esse resultado, ele **não representa, invariavelmente, uma garantia suficiente.** Há falsários no mundo dos Espíritos, como os há na Terra. Ainda aqui, essa semelhança de caligrafia não é mais do que

**uma presunção de identidade, que só adquire valor pelas circunstâncias que a acompanhem. [...] A melhor de todas as provas de identidade está na linguagem e nas circunstâncias fortuitas. <sup>(18)</sup>**

A não ser que se tenha um laudo científico de um grafotécnico, não se deve confiar só na semelhança da caligrafia. É preciso ainda ver se a linguagem do Espírito manifestante corresponde àquele que diz ser.

Foi justamente por conta da linguagem é que o autor de um ditado espontâneo assinado Luís foi desmascarado por se fazer passar pelo protetor da Sociedade Espírita de Paris. <sup>(19)</sup> Quanto à assinatura não há informação de que ela seria semelhante à de São Luís constante de mensagens autênticas.

Aliás, São Luís estava presente à reunião e permitiu que o Espírito se manifestasse, que logo foi identificado como impostor. Uma ótima lição para que nos mantenhamos sempre em alerta, não podemos deixar cair a guarda.

No caso de parentes e amigos, isso é bem

mais fácil de perceber, de forma que a avaliação da autenticidade pode ter maior precisão.

Especificamente, quanto à falsificação da assinatura, somos da opinião de ser raridade, pois no mundo físico é reduzido número de falsários, por ser uma habilidade excepcional, que produz um contingente bem escasso de “especialistas” no plano espiritual.

Em ***Pesquisas sobre Mediunidade*** (1898), Gabriel Delanne (1857-1926), que se dedicou à parte experimental do Espiritismo, no capítulo “Autógrafos de pessoas mortas obtidos por médiuns”, explica que:

[...] **A escrita** é uma arte técnica que se aprende a utilizar como se aprende a tocar um instrumento. **Necessita de associações ideomotoras que são exclusivamente individuais e que diferem conforme a idiosincrasia de cada indivíduo.** É absolutamente **impossível reproduzir uma letra que não se viu**, e se o fato acontece, não apenas é a prova de que uma inteligência diferente da do médium se manifestou, mas também uma demonstração da personalidade do espírito, já que outro não conseguiria chegar a

essa identidade. <sup>(20)</sup>

Portanto, a falsificação não é coisa tão fácil quanto possa parecer a alguns, somente “especialistas” conseguem imitar bem a caligrafia, de forma confundi-la como se fosse de determinado personagem.

Acreditamos também ser oportuno citar o seguinte trecho do item 261, de **O Livro dos Médiuns**, cap. XXIV - Identidade dos Espíritos, onde lemos:

**261. Certamente replicarão que se um Espírito pode imitar uma assinatura, também pode imitar perfeitamente a linguagem de outra pessoa. É verdade. [...]. Sim, certos aspectos formais de linguagem podem ser imitados, mas não o pensamento. Jamais a ignorância imitará o verdadeiro saber e jamais o vício imitará a verdadeira virtude.** Sempre aparecerá de algum lado a pontinha da orelha. É então que o médium, assim como o evocador, precisam de toda perspicácia e de toda ponderação para separar a verdade da mentira. [...]. <sup>(21)</sup>

Para o Codificador “os Espíritos, como os homens, devem ser julgados pela linguagem de que se servem.” (22) eis, portanto, o que devemos fazer para evitar que sejamos, facilmente, ludibriados.

## **Autores espíritas clássicos**

Seria útil trazer estes três autores espíritas clássicos que também registraram esse tipo de ocorrência.

1º) **Alexandre Aksakof** (1832-1903),  
***Animismo e Espiritismo - vol. 2*** (1890):

[...] um de nossos médiuns, a Sra. K., referiu-me que em uma sessão realizada em um círculo privado, à qual assistiam somente sua mãe e sua irmã, o lápis de que ela tinha o hábito de servir-se para essas experiências parou de repente, e depois de uma pausa de alguns instantes, começou a traçar palavras em uma escrita desigual e muito fina. **Contudo, a assinatura que se seguiu**, composta de duas letras vigorosamente traçadas, **foi imediatamente reconhecida** e excitou a admiração de todas as pessoas. **Era a assinatura do irmão da médium, o qual se achava em Tachkent.**

**O primeiro pensamento foi que ele tinha morrido e que viera dar parte disso.** Começaram a decifrar a escrita e eis as palavras que foram lidas: “Chegarei em breve”. Todos ficaram vivamente surpresos com tal

comunicação, tanto mais quanto pouco tempo antes se tinha recebido uma carta dele, na qual dizia que viria na qualidade de correio, porém não já, por estar inscrito na lista em décimo quinto lugar e que, por conseguinte, sua viagem não poderia realizar-se antes de um ano. Tomou-se nota da hora e data dessa comunicação – era a 11 de maio de 1882, às 7 horas da noite – e ela foi mostrada a muitas pessoas da intimidade da família K.

No começo de junho, **o irmão da médium chegou** efetivamente. Mostraram-lhe a curiosa comunicação. **Ele reconheceu a sua assinatura, sem mostrar hesitação**, e disse-nos que era nessa mesma data que se tinha posto a caminho. Segundo o cálculo do tempo que se fez, **verificou-se que no momento em que a comunicação era transmitida ele estava imerso em profundo sono no “tarantass” (carro de viagem) e que antes de adormecer tinha pensado nos seus, na surpresa que lhes causaria sua chegada.** <sup>(23)</sup>

A particularidade desse caso é que o Espírito manifestante era de uma pessoa viva.

2º) **Léon Denis** (1846-1927), em duas obras:

a) **O Além e a Sobrevivência do Ser** (1901):

O *Light* de Londres relata um caso notável de identidade por meio da escrita mediúnica. Ei-lo:

O Sr. Shepard tinha como principal empregado um certo Sr. Purday, em quem depositava inteira confiança. Tendo Purday adoecido, o Sr. Shepard foi visitá-lo. Recebeu-o Mme. Purday, que só a muito custo lhe permitiu entrar no quarto do marido, onde o não deixou nunca a sós com o doente, quer durante a primeira visita, quer por ocasião das que se lhe seguiram. Esta circunstância se tornou tanto mais notada pelo Sr. Shepard, quanto com ela concorria a da maneira toda especial por que o doente o olhava, dando a perceber que tinha qualquer coisa de importante a comunicar ao patrão e que somente a presença da mulher o impedia de fazê-lo.

“Purday morreu sem testamento; a esposa herdou-lhe a fortuna, que, no dizer dos vizinhos, era considerável, o que muito surpreendeu o Senhor Shepard.

“Algumas semanas depois, recebeu ele a visita de um **Sr. Stafford, médium psicógrafo, que lhe entregou uma página de escrita mediúnica, assinada com o nome de Purday.** Confessava-lhe este que, por espaço de longos anos, abusara da confiança de que era objeto, praticando diariamente desvios de dinheiro, desvios cuja soma total montava a importante quantia. Acrescentava que, sentindo-se profundamente desgraçado, se resignara àquela confissão, que a mulher o impedira de fazer em vida.

“As minúcias com que o fato era exposto permitiram ao Sr. Shepard verificar o delito. Além disso, **tendo submetido a comunicação e um espécimen de caligrafia de Purday vivo a um perito; este reconheceu a identidade dos dois escritos.**” <sup>(24)</sup> <sup>(25)</sup>

O reconhecimento da assinatura foi feito por um perito, o que dá ao caso um incontestável valor científico.

b) **No Invisível** (1903), encontramos algo a respeito do tema nestes dois capítulos:

I) Cap. XIX – Transes e incorporações:

[...] No transe, a Srta. Smith vê muitas vezes **seu Guia, Leopoldo, a seu lado, e ouve-lhe a voz. Ele tem vontade própria e procede como entende**, muitas vezes se estabelecendo luta entre eles. A Srta. Smith discute; **resiste, ao querer ele tomar posse do seu organismo**. E quando, apesar de seus esforços, esta se torna completa, toda a sua pessoa se transforma; muda-se a voz; é a de um homem, lenta e grave, de pronúncia italiana; o aspecto se lhe torna majestoso. **Quando Leopoldo se apodera da mão de Helena, para a fazer escrever, a escrita é inteiramente diversa, e a ortografia é a do século XVIII, época em que ele viveu na Terra.**

Mais ainda: ele “intervém constantemente em sua vida de modo sensível e quase físico, não deixando margem à menor dúvida”. (26)

Leopoldo, guia da médium Srta. Smith, no fenômeno da incorporação, escreve com a caligrafia que possuía no século XVIII, época em que viveu na Terra.

## II) Cap. XXI – Identidade dos Espíritos (27)

O Sr. G. Owen, a seu turno, escreveu o seguinte no “Spiritual Record”:

“Há doze anos, contava eu entre os meus amigos íntimos um senador pela Califórnia, muito conhecido, **o Dr. Knox, que era diretor de um próspero banco** em S. José. Pensador profundo, era também um decidido partidário das teorias materialistas. Sentindo aproximar-se o termo de sua vida, falava muitas vezes do sono eterno. Um dia lhe disse eu: “Façamos um pacto, doutor: se no Além vos sentirdes viver, fareis todo o possível por me comunicar estas simples palavras: Vivo ainda.”

Depois de sua morte, estando comigo um bom médium, limpei uma ardósia, coloquei-lhe um lápis e encostei na superfície inferior da mesa. Ouvimos o ranger do lápis escrevendo na ardósia e, ao retirá-la, encontramos escritas as seguintes linhas: “Amigo Owen, posto que tenha

visto completamente desmoronadas as antigas ideias que tinha sobre a vida futura, foi-me agradável, confesso-o, tal desilusão; sinto-me feliz, meu amigo, em lhe poder dizer: Vivo ainda. Sempre seu amigo W. Knox.” **A escrita era de tal modo igual à do desencarnado que foi reconhecida autêntica pelo pessoal do banco por ele dirigido em vida.”**

O fenômeno de incorporação tem dado lugar a múltiplos fatos de identidade. [...]. (28)

Nesse caso temos o fenômeno da escrita direta, no qual a participação do médium é apenas a de fornecer o ectoplasma para a produção da manifestação. Assim, embora o Espírito não tenha se utilizado da mão do médium, essa ocorrência não deixa de ser bem interessante, razão pela qual a estamos citando.

3º) **Ernesto Bozzano** (1862-1943), **Cinco Excepcionais Casos de Identificação de Espíritos** (1909):

a) Cap. III - Outro importante caso de identificação Espírita

Início com o notável caso do **falecido escritor**

**inglês Oscar Wilde**, por mim longamente analisado nos números de outubro e novembro de 1925 de *Luce e Ombra*, caso esse que se deu por intermédio da notável **médium Esther Dowden**. Nele foram fornecidas todas as provas cumulativas que razoavelmente temos o direito de exigir. <sup>(29)</sup>

Começou-se pelo conhecimento de numerosos incidentes pessoais, ignorados por todos os presentes e comprovadamente verídicos; **passou-se à memorável prova da identificação caligráfica, que não se limitou à transcrição de uma simples assinatura** (o que sempre poder-se-ia atribuir a um fenômeno de criptomnésia), mas foi impecavelmente confirmada por centenas e centenas de páginas. Depois, passou-se a outra prova ainda mais importante: a da identificação do estilo, ou melhor, dos dois estilos que caracterizavam a personalidade do falecido. Em continuação a esta última, mais conclusiva do que qualquer outra, seguiu-se o reconhecimento das características do estilo, da personalidade intelectual e moral do falecido em cada uma das modalidades de seu caráter, visto ser ele um indivíduo complexo, original e inimitável. [...]. <sup>(30)</sup>

b) Cap. V - Surpreendente caso de identificação espírita:

Começando pela prova de identidade pela

caligrafia, lembro o que já disse: **que todas as mensagens transmitidas pelas mediunidades combinadas da sra. Travers-Smith e do sr. V. mostraram um *fac-simile* admirável da letra do morto que se dizia presente de tal maneira que os traços característicos mais insignificantes, como os mais salientes da sua letra, foram ali reproduzidos**, como, por exemplo, a letra “a”, escrita à maneira do alfa, e o fato de destacar um grupo de letras de outras, numa mesma palavra. **Tudo isto se pode verificar se confrontarmos os *fac-similes* publicados na obra da sra. Travers-Smith.** Não é demais lembrar aqui que, em tais circunstâncias, o médium escrevia com os olhos fechados e uma rapidez vertiginosa.

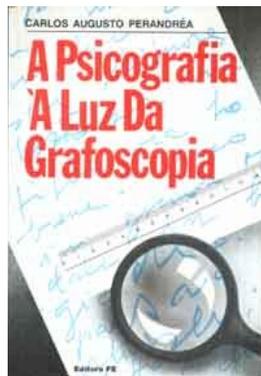
São estas as modalidades complexas e extraordinárias em que se produziu o fenômeno durante vários meses, modalidades que sugerem considerações teóricas muito importantes e opostas a quaisquer explicações naturalistas. [...].<sup>(31)</sup>

Acreditamos que até aqui foram colocados elementos suficientes para corroborar o fenômeno mediúnico no qual a caligrafia do Espírito comunicante é igual à que ele possuía quando encarnado.

## **Análise grafotécnica de mensagem em italiano**

Este caso que não podemos deixar de citá-lo, porque além de ser mais recente, ele tem como protagonista o destacado médium Francisco Cândido Xavier (1910-2002), cuja caligrafia da mensagem por ele psicografada foi confirmada por um perito em grafoscopia após utilizar-se de adequada técnica acadêmica.

Temos em mãos a obra **A Psicografia à Luz da Grafoscopia** (1991), de autoria do perito judiciário em documentoscopia Carlos Augusto Perandréa, foi professor do Departamento de Patologia, Legislação e Deontologia da Universidade Estadual de Londrina na disciplina de Identificação Datiloscópica e Grafotécnica.

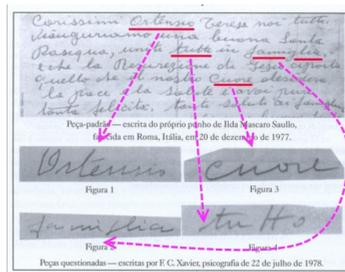


Perandr ea foi grafotécnico do Banco do Brasil de 1965 a 1970 e professor de Datiloscopia e Grafoscopia da direção geral do Banco do Brasil, de 1972 a 1986. Em toda a sua vida profissional, 25 anos de atuação, com cerca de 700 laudos técnicos, não houve uma única contestação.

A perícia técnica foi feita em “quatro mensagens no idioma italiano, psicografadas por Francisco Cândido Xavier, em Uberaba, atribuídas ao Espírito e Ilda Mascaro Saullo, falecida em Roma, em 20 de dezembro de 1977”. Perandr ea apresenta o seguinte resultado:

Após os exames efetuados, com base nos estudos técnico-científicos de grafoscopia, conforme comentários, fundamentações e ilustrações em macrofotografias apresentadas, pôde a perícia comprovar, sem d vidas, e chegar aos seguintes resultados categor icos:

- A mensagem psicografada por Francisco Cândido Xavier, em 22 de julho de 1978, atribuída a Ilda Mascaro Saullo, cont m,



conforme demonstração fotográfica (figs. 13 a 18), em 'número' e em 'qualidade', consideráveis e **irrefutáveis características de gênese gráfica suficientes para a revelação e identificação de Ilda Mascaro Saullo como autora da mensagem questionada.**

- Em menor número, constam, também, elementos de gênese gráfica, que coincidem com os existentes na escrita-padrão de Francisco Cândido Xavier. <sup>(32)</sup>

Pena que não há uma pesquisa voltada para este tema, pelo menos que nós saibamos. Seria um bom campo de trabalho, cujo resultado confirmaria a imortalidade da alma.

## **Nova hipótese para a classificação o fenômeno**

Como vimos, em ***Pesquisas sobre Mediunidade***, no capítulo “Autógrafos de pessoas mortas obtidos por médiuns”, entre outras coisas, Gabriel Delanne disse que a escrita é uma arte técnica que “necessita de associações ideomotoras que são exclusivamente individuais” foi isso que nos despertou interesse em procurar saber como isso acontece, ou seja, por qual processo mediúnico o médium é levado a reproduzir a caligrafia e até mesmo a assinatura do Espírito manifestante ser, visivelmente, bem semelhante, senão idêntica, à que tinha quando vivo.

Que nos desculpem os leitores pela ousadia, mas vamos apresentar algumas hipóteses, que, certamente, carecerão de confirmação posterior da parte de estudiosos e pesquisadores.

Todos sabemos que a comunicação dos mortos é algo tão antigo quanto a própria humanidade. Entretanto, foi somente em meados do século XIX que eles, os ditos mortos, resolveram aparecer de vez, dando provas irrefutáveis de que estão mais vivos do que nunca. Várias são as formas pelas quais os Espíritos se manifestam. Porém, para análise do processo, vamos nos concentrar especificamente nas comunicações caracterizadas pela escrita.

Na Introdução de **O Livro dos Espíritos**, Allan Kardec explica:

#### IV

Se os fenômenos com que nos estamos ocupando se tivessem limitado ao movimento dos objetos, teriam permanecido, como dissemos, no domínio das ciências físicas. Mas não foi isso que aconteceu: cabia-lhes colocar-nos na pista de fatos de ordem singular. [...] Uma vez aberto, esse caminho era um campo inteiramente novo de observações; era o véu que se levantava de sobre muitos mistérios. Haverá, com efeito, uma potência inteligente? Tal a questão. Se essa potência existe, qual é ela, qual a sua natureza, a sua origem? Está acima da Humanidade? Tais são as outras questões que decorrem da

primeira.

**As primeiras manifestações inteligentes se produziram por meio de mesas** que se levantavam e, com um dos pés, davam determinado número de pancadas, respondendo, desse modo, sim ou não, conforme fora convencionado, a uma questão proposta. Até aí, nada de seguramente convincente para os céticos, porque podia acreditar-se num efeito do acaso. Em seguida, obtiveram-se respostas mais desenvolvidas **por meio das letras do alfabeto**: dando o objeto móvel um número de pancadas correspondente ao número de ordem de cada letra, chegava-se a formar palavras e frases que respondiam às questões propostas. A exatidão das respostas e sua correlação com as perguntas causaram espanto. [...].

Tal meio de correspondência era demorado e incômodo. **O Espírito**, e isto é ainda uma circunstância digna de nota, **indicou outro**. Foi um desses invisíveis que **aconselhou a adaptação de um lápis a uma cesta** ou a outro objeto. **A cesta, colocada sobre uma folha de papel, é posta em movimento pela mesma potência oculta que faz mover as mesas, mas, em vez de um simples movimento regular, o lápis traça por si mesmo caracteres formando palavras, frases e discursos inteiros de muitas páginas**, tratando das mais altas questões de Filosofia, de Moral, de Metafísica, de Psicologia etc., e **com tanta rapidez como se escrevesse com a mão**.

O conselho foi dado simultaneamente na América, na França e em diversos países. Eis em que termos o deram em Paris, a 10 de junho de 1853, a um dos mais fervorosos adeptos da Doutrina e que, havia já vários anos, desde 1849, se ocupava com a evocação dos Espíritos: “Vai buscar, no quarto ao lado, a cestinha; prende nela um lápis; coloca-a sobre o papel e põe teus dedos sobre a borda.” Alguns instantes após, **a cesta se pôs em movimento e o lápis escreveu**, de modo bem legível, esta frase: “O que vos digo aqui, eu vos proíbo expressamente de dizer a alguém. Da próxima vez que escrever, escreverei melhor.”

Como o objeto a que se adapta o lápis não passa de mero instrumento, sua forma e natureza são completamente indiferentes; procurou-se a disposição mais cômoda e foi assim que muitas pessoas passaram a usar uma prancheta.

**A cesta ou a prancheta só podem ser postas em movimento sob a influência de certas pessoas, dotadas, para isso, de um poder especial**, as quais se designam pelo



nome de médiuns, isto é, meios ou intermediários entre os Espíritos e os homens. **As condições que facultam esse poder se prendem a causas ao mesmo tempo físicas e morais, ainda imperfeitamente conhecidas**, porquanto se

encontram médiuns de todas as idades, de ambos os sexos e em todos os graus de desenvolvimento intelectual. É, além disso, uma faculdade que se desenvolve pelo exercício.

V



**Reconheceu-se mais tarde que a cesta e a prancheta não eram, realmente, mais do que um apêndice da mão; e o médium, tomando diretamente do lápis, pôs-se a escrever por um impulso involuntário**

e quase febril. Por esse meio as comunicações se tornaram mais rápidas, mais fáceis e mais completas; é hoje o meio mais difundido, tanto mais que o número das pessoas dotadas dessa aptidão é muito considerável e se multiplica todos os dias. Finalmente, a experiência deu a conhecer muitas outras variedades da faculdade mediúnica, [...] até **pela escrita direta dos Espíritos, isto é, sem o concurso da mão do médium, nem do lápis.**

Obtido o fato, restava constatar um ponto essencial: o papel do médium nas respostas e a parte que nelas pode tomar, mecânica e moralmente. Duas circunstâncias capitais, que não escapariam a um observador atento, podem resolver a questão. A primeira é o modo pelo qual **a cesta se move sob a sua influência, pela simples imposição dos dedos sobre a borda;**

o exame demonstra a impossibilidade de o médium imprimir uma direção qualquer à cesta. Essa impossibilidade se patenteia, sobretudo, quando **duas ou três pessoas colocam os dedos, ao mesmo tempo, na mesma cesta**; seria preciso haver entre elas uma concordância de movimentos verdadeiramente fenomenal; além disso, seria preciso a concordância dos pensamentos para que pudessem entender-se sobre a resposta a dar à questão formulada. Outro fato, não menos singular, vem aumentar ainda mais a dificuldade. **É a mudança radical da caligrafia, conforme o Espírito que se manifesta, reproduzindo-se a escrita todas as vezes que o mesmo Espírito retorna.** Seria, pois, necessário que o médium se houvesse exercitado em dar à sua própria caligrafia vinte formas diferentes e, sobretudo, que pudesse lembrar-se da que pertence a este ou àquele Espírito. <sup>(33)</sup>

Será que o processo da escrita se utilizando da cesta, ou algum apetrecho semelhante, não seria melhor classificado como uma ocorrência de efeitos físicos? A nossa impressão foi de que a ação do Espírito manifestante seria sobre o utensílio, no caso, a cesta, para escrever a sua mensagem. Não descartamos a possibilidade da ação ser diretamente sobre a mão do médium, fato que

podemos comprovar nestas duas obras:

1ª) **O Que é o Espiritismo**, no cap. II – Noções Elementares de Espiritismo, citaremos estes dois itens:

57. Para obter a escrita serviram-se, no princípio, de intermediários materiais, como cestinhas, pranchetas etc., munidas de um lápis. [...] **Mais tarde, reconheceu-se a inutilidade desses acessórios e a possibilidade, para os médiuns, de escrever diretamente com a mão, como nas circunstâncias ordinárias.**

58. O médium escreve sob a influência dos Espíritos, que se servem dele como de um instrumento; **sua mão é acionada por um movimento involuntário que, na maior parte das vezes, ele não consegue dominar.** <sup>(34)</sup>

2ª) **O Livro dos Médiuns**, cap. XV – Médiuns escreventes ou psicógrafos, tópico “Médiuns mecânicos”, o seguinte trecho do item 179:

[...] **O Espírito pode, pois, exprimir diretamente suas ideias, quer movimentando um objeto a que a mão do médium serve de simples ponto de apoio, quer acionando a própria mão.**

Quando o Espírito atua diretamente sobre a mão do médium, ele lhe dá uma impulsão completamente independente da vontade deste último. Enquanto o Espírito tiver alguma coisa a dizer, a mão se move sem interrupção e à revelia do médium, parando somente quando o ditado termina.

Nesta circunstância, o que caracteriza o fenômeno é que **o médium não tem a menor consciência do que escreve**. Essa inconsciência absoluta é peculiar aos chamados médiuns passivos ou mecânicos. Trata-se de faculdade preciosa, por não permitir dúvida alguma sobre a independência do pensamento daquele que escreve. <sup>(35)</sup>

Voltando à transcrição de trecho da Introdução de *O Livro dos Espíritos*, vimos que nela também foi mencionada a mudança de caligrafia, conforme o Espírito que se manifesta. Infelizmente, não há informação se ela corresponderia a que ele possuía quando vivo.

Aliás, até em fenômenos de **escrita direta** pode ocorrer casos de caligrafia reconhecida como idêntica. Para ilustrar, vejamos este relato sobre a manifestação do Espírito Oscar Wilde, pela mediunidade da Sra. Travers-Smit, registrado por

Ernesto Bozzano na obra **O Retorno de Oscar Wilde** (1925):

Examinando o ditado, **fiquei surpresa ao ver a nitidez e a exatidão da caligrafia**. As palavras estavam bem separadas umas das outras, os “i” com os seus pingos, os “t” com os seus cortes, as citações assinaladas por meio de aspas. Enfim, a pontuação era irrepreensível.

**A assinatura de Oscar Wilde chamou logo a minha atenção** pela sua feição particular.

Lendo a mensagem, notei que se encontrava, de quando em quando, a letra “a” escrita à maneira do alfa grego. Notei também singulares soluções de continuidade entre as letras de certas palavras, como *d-eath*, *vin-tage*, etc. Nem o sr. V. nem eu tínhamos visto uma só assinatura de Oscar Wilde ou, se o leitor preferir, não tínhamos a menor lembrança de termos visto, algum dia, qualquer assinatura desse escritor.

Assim que o sr. V. se despediu, **pensei que seria interessante comparar a mensagem obtida com uma assinatura de Oscar Wilde**. Refletindo sobre o meio mais rápido de fazê-lo, tive a sorte de dirigir-me ao depósito de livros de Chelsea, onde encontrei uma carta assinada por ele e que ali fora depositada a fim de ser vendida. Fiquei pasma: **a letra da carta era igual à da comunicação mediúnica**, afora ligeiras diferenças que deviam fatalmente existir entre uma letra que se fez carregando com força no

lápiz e uma carta escrita com pena. [...]. <sup>(36)</sup>  
(itálico do original)

A escrita direta é classificada como fenômeno de efeito físico e a participação do médium se traduz em apenas fornecer o ectoplasma, energia com a qual o Espírito manifestante pode escrever a mensagem.

Na **Revista Espírita 1859**, mês de agosto, foi publicado o artigo “Pneumatografia ou escrita direta”, do qual destacamos:

**A Pneumatografia é a escrita produzida diretamente pelo Espírito, sem nenhum intermediário;** ela difere da *Psicografia* no fato de que esta é a transmissão do pensamento do Espírito, por meio da escrita, pelas mãos de um médium. Demos essas duas palavras no *Vocabulário Espírita* colocado à entrada de nossa *Instrução prática, com a indicação de sua diferença etimológica. Psicografia, do grego psuikê, borboleta, alma, e graphó, eu escrevo; pneumatografia, de pneuma, ar, sopro, vento, espírito. No médium escrevente, a mão é o instrumento; mas sua alma, ou Espírito encarnado nele, é o intermediário, o agente ou o intérprete do Espírito estranho que se comunica; na Pneumatografia, é o próprio Espírito*

**estranho que escreve diretamente, sem intermediário.**

[...].

No princípio, pretendia-se que era necessário depositar um lápis com o papel; os fatos, então, podiam se explicar até um certo ponto. Sabe-se que os Espíritos operam o movimento e o deslocamento de objetos; que eles os tomam e os lançam, algumas vezes, no espaço; **poderiam, pois, muito bem tomar o lápis e dele se servirem para traçarem caracteres; uma vez que lhe dão o impulso por intermédio da mão do médium, de uma prancheta, etc., poderiam igualmente fazê-lo de um modo direto.** Mas não se tardou a reconhecer que a presença do lápis não era necessária, e que bastava um pedaço de papel, dobrado ou não, sobre o qual se encontram, depois de alguns minutos, caracteres traçados. **Aqui o fenômeno muda completamente de face e nos lança numa ordem de coisas inteiramente novas;** esses caracteres foram traçados com uma substância qualquer; do momento, que não se forneceu essa substância ao Espírito, ele a fez, portanto, ele mesmo a criou; onde a hauriu? Aí estava o problema. O senhor general russo, conde de B..., mostrou-nos uma estrofe de dez versos alemães que obteve desse modo, por intermédio da irmã do barão de Guldenstubbe, colocando muito simplesmente uma folha de papel, destacada de sua própria caderneta, sob o pedestal da pêndula da chaminé. Tendo-o retirado, ao cabo de alguns minutos, encontrou

esses versos em caracteres tipográficos alemães bastante finos e de uma perfeita pureza. Por intermédio de um médium escrevente, o Espírito disse-lhe para queimar esse papel; como ele hesitou, lamentando sacrificar esse precioso espécime, o Espírito acrescentou: Nada tema, dar-te-ei um outro. Com esta segurança, ele lançou o papel ao fogo, depois colocou uma segunda folha igualmente tirada de sua caderneta, sobre a qual os versos se acharam reproduzidos exatamente do mesmo modo. Foi esta segunda edição, que vimos e examinamos com o maior cuidado, e, coisa bizarra, os caracteres apresentavam um relevo como se eles saíssem da imprensa. **Não é, pois, somente com lápis que os Espíritos podem fazer, mas com tinta e caracteres de imprensa.** <sup>(37)</sup> (grifo itálico do original)

Depois dessa explicação, parece-nos mais fácil entender o que seja escrita direta.

No cap. I - Pequena conferência Espírita, tópico “Meios de comunicação” de **O Que é o Espiritismo**, lemos:

**Serviu-se no começo**, e algumas vezes ainda se serve, **de um objeto móvel, como uma prancheta, uma cestinha, uma caixa, ao qual se adapta um lápis, cuja ponta pousa sobre o**

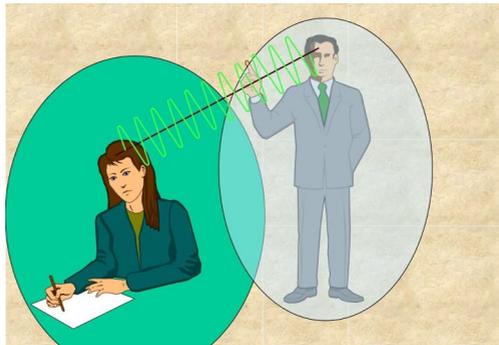
**papel.** A natureza e a substância do objeto são indiferentes. **O médium coloca as mãos sobre esse objeto, ao qual transmite a influência que recebe do Espírito,** e o lápis traça os caracteres. **O objeto assim empregado não é, propriamente falando, mais que um apêndice da mão, uma espécie de porta-lápis.**

Depois, **reconheceu-se a inutilidade desse intermediário,** que não é senão uma complicação de meios, cujo único mérito está em demonstrar, de modo mais palpável, a independência do médium; **este último pode escrever, segurando, ele mesmo, o lápis.**

[...].

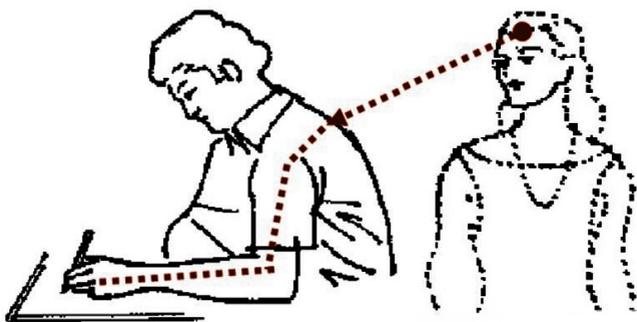
**O médium escrevente** apresenta numerosas variedades, das quais duas são muito distintas. Para compreendê-las, é necessário saber-se o modo pelo qual se opera o fenômeno. **O Espírito atua, algumas vezes, diretamente sobre a mão do médium, à qual dá um impulso totalmente independente da vontade deste, e sem que ele tenha consciência do que escreve: é o *médium escrevente mecânico.*** Outras vezes, **atuando sobre o cérebro do médium, seu pensamento se comunica com o deste** que, então, se bem que escrevendo de modo involuntário, tem consciência mais ou menos nítida do que obtém: é o *médium intuitivo*; seu papel é exatamente o de um intérprete, que transmite um pensamento que não é o seu e que, portanto, ele deve compreender. [...]. <sup>(38)</sup> (itálico do original)

Do trecho que diz “atuando sobre o cérebro do médium, seu pensamento se comunica com o deste” se conclui que, em algumas situações, no fenômeno ocorre a transmissão de pensamento, conforme representado nesta imagem (39):



O importante que queremos destacar é a afirmativa de que “o Espírito atua algumas vezes diretamente sobre a mão do médium”, tem levado a maioria de nós espíritas a concluir que, em todos esses tipos fenômenos, a ação é somente sobre a mão do médium, não vislumbrando a hipótese de também agir sobre o instrumento, como veremos.

Na imagem (40), temos a representação disso:



Na **Revista Espírita 1861**, mês de julho, o Codificador publica a mensagem intitulada “Papel dos médiuns nas comunicações”, assinada por Erasto e Timóteo, da qual transcrevemos o seguinte trecho:

É porque estamos felizes por encontrar médiuns bem apropriados, bem aparelhados, munidos de materiais prontos para funcionarem, bons instrumentos, em uma palavra, **porque então o nosso perispírito, agindo sobre o perispírito daquele que *mediunizamos*, não há mais do que dar o impulso à mão que nos serve de porta-lápis**; ao passo que com os médiuns insuficientes, somos obrigados a fazer um trabalho análogo àquele que fazemos quando nos comunicamos por pancadas, quer dizer, designando letra por letra, palavra por palavra, cada uma das frases que formam a tradução dos pensamentos que queremos comunicar. <sup>(41)</sup>

(itálico do original)

Essa mensagem vamos também encontrá-la em **O Livro dos Médiuns**, cap. XIX - O Papel dos médiuns nas comunicações espíritas, no item 225. Entretanto, nessa obra, foi-lhe acrescida a seguinte observação:

Esta análise do papel dos médiuns e dos processos pelos quais os Espíritos se comunicam é tão clara quanto lógica. Dela resulta o princípio de que o Espírito haure, não as ideias do médium, mas sim os materiais necessários para exprimi-las, que ele encontra no cérebro do médium. Quanto mais rico em materiais for esse cérebro, tanto mais fácil será a comunicação. Quando o Espírito se exprime num idioma familiar ao médium, encontra neste, inteiramente formadas, as palavras necessárias ao revestimento da ideia; se o faz numa língua estranha ao médium, não encontra neste as palavras, mas apenas as letras. É por isso que o Espírito se vê obrigado a ditar, por assim dizer, letra a letra, exatamente como se exigíssemos que escrevesse em alemão uma pessoa que não conheça uma única palavra dessa língua. Se o médium não souber ler nem escrever, não dispõe nem mesmo das letras em seu cérebro. **Torna-se necessário, então, que o Espírito lhe conduza a mão, como se faz a uma criança que**

**começa a aprender, sendo ainda maior, nesse caso, a dificuldade que o Espírito encontra para vencer.** Estes fenômenos, portanto, são possíveis e deles há numerosos exemplos. Compreende-se, no entanto, que semelhante maneira de proceder se mostra pouco apropriada para comunicações extensas e rápidas, e que os Espíritos devem preferir os instrumentos de manejo mais fácil, ou, como eles dizem, os médiuns bem aparelhados do ponto de vista deles. <sup>(42)</sup>

Acreditamos que o trecho transcrito, e a explicação que lhe segue, oferecem argumento para explicar o entendimento representado pela imagem.

Entretanto, fazemos uma observação: quando a mensagem foi recebida, Allan Kardec ainda não havia mudado de opinião a respeito da possessão física, somente no ano seguinte passou a admiti-la diante dos fatos que se apresentaram - os possessos de Morzine e o caso da Srta. Julie. No tópico “Obsessões e Possessões”, itens 45 a 49 do cap. XIV - Os fluidos, de *A Gênese*, há o registro desse novo posicionamento.

Ao refletirmos muito a respeito sobre essa maneira de entender a ocorrência mediúnica e somando os casos das manifestações escritas em que os médiuns eram iletrados, outras em que, no instante de recepção da mensagem, os medianeiros faziam outras atividades, além das que a caligrafia e assinatura, senão idênticas, bem semelhantes às do personagem quando vivo, acabamos por vislumbrar duas novas hipóteses para explicá-las.

Diremos “novas” pela razão de que a transmissão de pensamento (telepatia) entre o médium e o Espírito é o processo que justifica inúmeras ocorrências, conforme podemos deduzir deste trecho do item 225, de **O Livro dos Médiuns**:

[...] De fato, nós **nos comunicamos com os Espíritos encarnados dos médiuns**, da mesma forma que com os Espíritos propriamente ditos, **tão só pela irradiação do nosso pensamento.**  
(<sup>43</sup>)

A nosso sentir, com isso que falaram Erasto e Timóteo fica bem clara a telepatia, que nada mais é que a comunicação apenas mental.

Vamos transcrever informações para demonstrar a existência dessas situações que acabamos de mencionar; mas primeiramente citaremos algo que ainda não havíamos percebido, pois ao que tudo parece, em alguns casos, a ação do Espírito manifestante poderá também ser sobre o objeto utilizado para escrever, seja ele um lápis ou uma caneta:

a) **O Livro dos Médiuns**, cap. XVII – Formação dos médiuns, item 213:

Quando o Espírito conclui o que tinha a dizer, ou não quer mais responder, a mão fica imóvel e o médium, quaisquer que sejam seu poder e sua vontade, não consegue obter nem mais uma palavra. Ao contrário, **enquanto o Espírito não conclui, o lápis se move sem que a mão consiga detê-lo**. Se o Espírito quiser dizer espontaneamente alguma coisa, a mão pega convulsivamente o lápis e começa a escrever, sem que o médium possa opor-se a isso. Aliás, o médium sente quase sempre em si alguma coisa que lhe indica se houve apenas uma parada

momentânea, ou se o Espírito concluiu o que tinha a dizer. É raro que não sinta quando o Espírito partiu. <sup>(44)</sup>

b) **Revista Espírita 1869**, mês de abril, artigo “As conferências do Sr. Chevillard”:

Se o Sr. Chevillard admite que o Espírito é distinto da matéria e sobrevive ao corpo, deve admitir que o corpo é o instrumento do Espírito nos diferentes atos da vida; que obedece à vontade do Espírito. **Uma vez que ele admite que, pela transmissão do fluido elétrico, as mesas, os lápis e outros objetos se tornam apêndices do corpo e obedecem assim ao pensamento do Espírito encarnado, por que, por uma corrente elétrica análoga, não poderiam obedecer ao pensamento de um Espírito desencarnado?** <sup>(45)</sup>

c) **O Retorno de Oscar Wilde** (1925), autoria de Ernesto Bozzano, trecho do relato da médium Sra. Travers-Smith:

O espírito tencionava continuar, mas, assim que ele ditou o nome de Lily, percebi uma interrupção na mensagem e compreendi, instintivamente, que o espírito comunicante fora

substituído por outro. Perguntei então: “Qual é o espírito que está presente?” Aí o lápis escreveu imediatamente “Oscar Wilde” e começou a ditar a sua mensagem com vertiginosa rapidez. Olhei para o sr. V. e ele estava com os olhos fechados e parecia adormecido, **todavia o lápis estava seriamente governado a tal ponto que me oferecia alguma dificuldade para conduzi-lo do fim de uma linha ao começo da outra.**

Suspendi, então, o contato de minha mão e o lápis parou imediatamente, começando de novo a bater, nervosamente, pequenas pancadas no papel. <sup>(46)</sup>

Bem sintomática a informação da médium ao dizer que “o lápis estava seriamente governado a tal ponto que me oferecia alguma dificuldade para conduzi-lo do fim de uma linha ao começo da outra”, que nos remete ao fato incontestável de que a ação do Espírito Oscar Wilde se fazia no lápis e não na mão da médium como geralmente ocorre em casos idênticos.

d) **O Além Existe** (1985), autor Lino Sardos Albertini (1915-2005), descreve o que ocorreu com a D. Anita, sensitiva que recebera mensagens de seu filho André:

Sem nenhum aparato ou encenação, com a máxima simplicidade, qualquer hora e em qualquer ambiente, põe a mão esquerda aberta perpendicularmente e um pouco erguida sobre um papel.

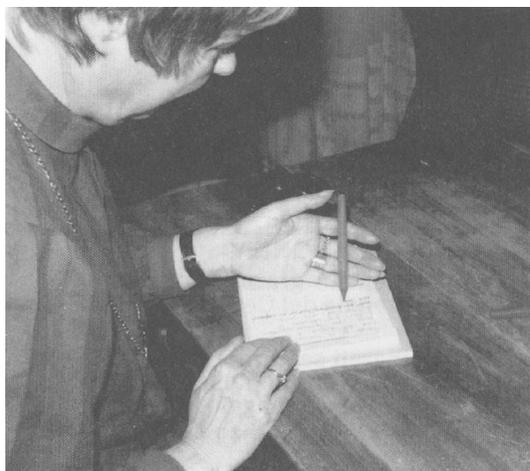
Apoia um pincel atômico ou uma caneta qualquer (uma vez usou até um batom). **O pincel, ao invés de escorregar, como aconteceria com qualquer outra pessoa, fica colado à mão.**

Pergunta mentalmente a seu pai, falecido, se a assiste. Obtida resposta afirmativa, passa a fazer perguntas.

D. Anita não é canhota, porém, usa exclusivamente a mão esquerda quando desenvolve sua atividade mediúnica. O pincel, ao dar as respostas, se move não da esquerda para a direita, mas de cima para baixo. **Às vezes o pincel procede vagorosamente ao escrever as respostas; em outros momentos, de repente, acelera muito a ponto de D. Anita ter dificuldade de segui-lo com a mão.** Outras vezes, **o pincel**, inesperadamente, ao invés de continuar escrevendo, **força a mão para distanciar-se da linha e começa a fazer sinais**, deixando todos os presentes surpresos. Surge um desenho que serve para esclarecer a resposta ou para dar mais detalhes. <sup>(47)</sup>

Do capítulo “Documentos e Fotografias”, de tudo que foi ali inserido, destacamos a seguinte

foto, que foi tirada num momento em que a sensitiva D. Anita “recebia” uma mensagem de André, por ter ela uma relação direta com o nosso tema:



**Anita, durante a recepção de uma mensagem de André na casa de Paula Giovetti**

Observe, caro leitor, que a sensitiva D. Anita nem ao menos segurava a caneta, que, como se ela tivesse vida própria, escreve por si mesma.

As características descritas nessas quatro fontes, destaques para os casos da médium Sra. Travers-Smith e da sensitiva D. Anita, nos levaram a supor que a ação do Espírito manifestante pode

também ocorrer sobre o objeto utilizado para a escrita, além da já conhecida possibilidade de agir sobre a mão do médium. Caso isso seja verdade, estaríamos diante de um fenômeno originalmente de efeito físico.

Vejamos agora as situações das quais falávamos. A primeira diz respeito a médiuns iletrados e os desenhistas; a segunda, temos o médium fazendo alguma outra atividade enquanto escreve a mensagem do Espírito.

#### 1ª) médiuns iletrados e desenhistas

Em *O Livro dos Médiuns*, cap. XVI – Médiuns Especiais, item 191, assim define: “Médiuns iletrados – Os que escrevem, como médiuns, sem saberem ler, nem escrever, no seu estado habitual.” (48)

Da **Revista Espírita 1863**, destacamos estes dois exemplos:

a) Mês de julho, após uma mensagem assinada por Santo Agostinho, Allan Kardec esclarece em nota:

**Esta comunicação foi obtida por um jovem, médium sonâmbulo iletrado.** Foi-nos enviada pelo Sr. Dumas, negociante de Sétif, membro da Sociedade Espírita de Paris, que acrescenta que **o sujeito não conhecia o sentido da maioria das palavras**, e nos transmite o nome de dez pessoas notáveis que assistiam à sessão. **Os médiuns iletrados que têm comunicações acima de seu alcance intelectual, são muito numerosos.** [...]. <sup>(49)</sup>

b) Mês de dezembro, mensagem assinada por São José, recebida em Sérif, a 17 de setembro de 1863, segue esta nota:

**Esta comunicação foi obtida por um operário, médium completamente iletrado**, e que sabia apenas assinar; desde que é médium, escreve um pouco, mas muito dificilmente. Não se pode, pois, supor que a dissertação acima seja obra de sua imaginação. <sup>(50)</sup>

Em **O Livro dos Médiuns**, cap. XVI – Médiuns especiais, item 191, embora Allan Kardec, ao definir os médiuns pintores ou desenhistas, não tenha especificado que entre eles poderiam existir aqueles que nada sabem dessa atividade. Os

exemplos que traremos são os desse tipo.

a) **Revista Espírita 1858**, sobre o médium Victorien Sardou (1831-1908), que desenhou habitações do planeta Júpiter:

[...] O senhor **Victorien Sardou**, jovem literato e dos nossos amigos, cheio de talento e de futuro mas **em nada desenhista**, lhes serviu de intermediário. **Palissy nos promete uma série que nos dará, de algum modo, a monografia ilustrada desse mundo maravilhoso.** Esperamos que essa curiosa e interessante coletânea sobre a qual voltaremos num artigo especial consagrado aos médiuns desenhistas, poderá ser, um dia, entregue ao público. <sup>(51)</sup>

No que concerne às publicações dos desenhos, o mesmo desejo nos foi manifestado por vários de nossos assinantes; [...]. O senhor **Victorien Sardou, de médium desenhista (sem saber desenhar) tomou-se médium gravador sem ter jamais tido um buril em sua vida.** Faz, agora, seus desenhos diretamente sobre o cobre, o que permitirá reproduzi-los sem o concurso de nenhum artista estranho. [...]. <sup>(52)</sup>

Damos, com este número de nossa Revista, assim como anunciamos, um desenho de uma habitação de Júpiter, executada e gravada pelo senhor **Victorien Sardou**, como médium, e a ele acrescentamos o artigo descritivo que consentiu

nos dar sobre o assunto. [...] esses desenhos são, incontestavelmente, os mais notáveis, considerando-se que **o autor não sabe nem desenhar, nem gravar, e que o desenho que nos ofereceu foi gravado por ele à água-forte, sem modelo e sem ensaio preliminar, em nove horas.** <sup>(53)</sup> (itálico do original)

b) Na **Viagem Espírita em 1862**, o Codificador dá a seguinte notícia:

[...] Lyon dispõe de **vários médiums desenhistas notáveis**; um deles utiliza a técnica do óleo sobre tela **sem jamais haver aprendido a desenhar, nem pintar**. Em Marennes há também **uma senhora, médium desenhista** e, ao mesmo tempo, excelente médium escrevente, tanto no que respeita às dissertações quanto às evocações.[...]. <sup>(54)</sup>

2ª) médiums realizando outras atividades no momento da recepção

a) **Revista Espírita 1858**, mês de novembro, artigo “Uma noite esquecida ou a feiticeira Manouza”:

**O médium que lhe servia de intérprete era a senhorita Caroline B...**, uma das filhas do senhor da casa, médium do gênero exclusivamente passivo, **não tendo jamais a menor consciência daquilo que escrevia, e podendo rir e conversar à direita ou à esquerda, o que fazia de bom grado, enquanto a sua mão caminhava. O meio mecânico empregado foi, durante muito tempo, a cesta pião**, descrita em nossa instrução prática. Mais tarde, o médium serviu-se da psicografia direta.  
(<sup>55</sup>)

Se a ação do Espírito foi sobre a cesta pião, acreditamos que se trata de uma manifestação de efeito físico. Mas a descrição do fenômeno não nos permite fechar questão, porquanto poderia ter sido diretamente sobre a mão da médium e, neste caso, a melhor classificação seria a de uma semi-incorporação.

b) Na obra ***Viagem Espírita em 1862***, Allan Kardec narra o seguinte:

[...] Em Saint-Jean d'Angély **vimos um médium mecânico que podemos considerar excepcional**. Trata-se de uma dama que **escreve longas e belas comunicações enquanto lê seu jornal ou toma parte na**

**conversa, sem sequer olhar a própria mão.** Sucede, por vezes, não se dar conta de já haver terminado o ditado. [...]. <sup>(56)</sup>

c) Em **O Além Existe**, temos esta informação sobre a sensitiva D. Anita:

**Enquanto o pincel escreve, D. Anita pode até se distrair: assiste à televisão, conversa com os presentes sobre diversos assuntos.**

Acrescento que, ao receber as respostas, **D. Anita nunca sabe do seu conteúdo, quer por estarem escritas de cima para baixo, quer por ela se distrair frequentemente.** Só no fim, a folha é girada tornando possível ler a resposta da esquerda para a direita. <sup>(57)</sup>

Nos casos mencionados, os médiuns, em estado de vigília, estão completamente alheios ao que escrevem o que nos abre a possibilidade de que em algumas situações, pois não é genérico, o fenómeno estar mais afeito a efeitos físicos, com o Espírito manifestante agindo diretamente sobre o objeto utilizado para escrever. Entendemos que nesses casos específicos estaremos diante dos designados de médiuns mecânicos, cuja

mediunidade produz a escrita mecânica.

Em ***Cristianismo e Espiritismo*** (1910), no tópico “Invocações”, Léon Denis esclarece:

Nas manifestações da **escrita mecânica**, já a identidade dos Espíritos se verifica pela forma dos caracteres traçados, **pela analogia das assinaturas**, pelo estilo e até pelos erros de grafia habituais a esses Espíritos, e que reaparecem nas suas comunicações. [...]. <sup>(58)</sup>

Nessa ocorrência, como se pode perceber, os médiuns estão conscientes, ou seja, permanecem em estado de vigília. Portanto, o mesmo que poderá ocorrer caso a ação do Espírito manifestante seja diretamente na mão do médium.

Havíamos mencionado a mudança de opinião do Codificador a respeito da possessão, ou usando um termo equivalente, da incorporação. Esse será o nosso ponto de partida.

Na ***Revista Espírita 1864***, mês de abril, Allan Kardec publica o artigo “Resumo da Lei dos Fenômenos Espíritas”, depois publicado em separado, do qual transcrevemos:

É igualmente com a ajuda de seu perispírito que o Espírito faz os médiuns escreverem, falarem ou desenharem; **não tendo corpo tangível para agir ostensivamente quando quer se manifestar, serve-se do corpo do médium, cujos órgãos se apodera, que faz agir como se fosse seu próprio corpo**, e isso pelo eflúvio fluídico que derrama sobre ele. <sup>(59)</sup>

Em resumo: O Espírito não tendo corpo tangível serve-se do corpo do médium, cujos órgãos se apodera, que faz agir como se fosse seu próprio corpo.

Em **A Gênese**, cap. XIV - Fluidos, item 47, isso fica mais nítido:

Na **possessão, em vez de agir exteriormente, o Espírito livre se substitui, por assim dizer, ao Espírito encarnado; toma-lhe o corpo para domicílio**, sem que este, no entanto, seja abandonado pelo seu dono, pois que isso só se pode dar pela morte. [...].

**De posse momentânea do corpo do encarnado, o Espírito se serve dele como se fora seu próprio corpo; fala por sua boca, vê pelos seus olhos, age com seus braços, como o faria se estivesse vivo.** Não é como na mediunidade falante, em que o Espírito

encarnado fala transmitindo o pensamento de um desencarnado; **no caso da possessão, é o desencarnado que fala e atua, de modo que, quem o haja conhecido em vida, reconhecerá sua linguagem, sua voz, os gestos e até a expressão da fisionomia.** <sup>(60)</sup>

Julgamos que Allan Kardec deveria ter revisto a influência dessa nova posição nos vários tipos de mediunidade. Poderia, certamente, em razão disso, ter também modificado alguns dos conceitos em relação ao papel do médium no fenômeno mediúnico. Aliás, no item 44, desse mesmo capítulo, já teria elementos para os revisar:

44. Um fenômeno muito frequente na mediunidade é a aptidão de certos médiuns para **escrever em língua que lhes é estranha; a tratar, oralmente ou por escrito, de assuntos que estão fora do alcance da instrução que receberam.** Não é raro se verem alguns que **escrevem correntemente sem nunca terem aprendido a escrever;** outros que **compõem poesias sem jamais na vida terem sabido fazer um verso;** outros que **desenham, pintam, esculpem, compõem música, tocam um instrumento sem conhecerem desenho, pintura, escultura ou arte musical.** É frequente o fato de um médium escrevente reproduzir

com perfeição a grafia e a assinatura que os Espíritos, que por ele se comunicam, tinham quando vivos, embora jamais os houvesse conhecido. <sup>(61)</sup>

A nosso sentir, o Espírito manifestante, para a realização de tudo quanto aqui é descrito, precisa dominar completamente o corpo do médium, o que só ocorreria na incorporação.

Do nosso artigo *Sr. Morin, médium de incorporação da Sociedade Espírita de Paris* <sup>(62)</sup>, transcrevemos:

Início transcrição.

Vejamos estes trechos de quatro narrativas relacionadas ao fenômeno mediúnico ocorrido com o Sr. Morin – Louis Joseph Félix Morin (1841-1876) <sup>(63)</sup> –, com apenas 34 anos de idade, um dos médiuns habituais da Sociedade Espírita de Paris.

1ª) *Revista Espírita 1866*, mês de novembro, artigo “Sonambulismo Medianímico Espontâneo”:

A última sessão da Sociedade Espírita de Paris, antes das férias, foi uma das mais notáveis do ano, seja pelo número e a importância das comunicações que ali foram obtidas, seja pela produção de um fenômeno espontâneo de sonambulismo medianímico. Pelo meio da sessão, o **Sr. Morin**, membro da Sociedade e um dos médiuns habituais, **adormeceu espontaneamente sob a influência dos Espíritos**, o que jamais lhe acontecera. Então **ele falou com inspiração, com eloquência**, sobre um assunto de alta seriedade e do maior interesse, do qual iremos nos ocupar ulteriormente. <sup>(64)</sup>

Observamos que o adormecimento espontâneo, que jamais lhe acontecera, implica no fato de ser a primeira vez em que o Sr. Morin age como médium de incorporação: “ele falou com inspiração, com eloquência”.

2ª) **Revista Espírita 1867**, mês de agosto, artigo “Entrada dos Incrédulos no Mundo dos Espíritos – O Doutor Claudius”:

**Um médico, que designaremos sob o nome de doutor Claudius**, conhecido de alguns dos nossos colegas, e cuja vida tinha sido uma profissão de fé materialista, morreu há algum

tempo de uma afecção orgânica, que ele sabia incurável. Atraído, sem dúvida, pelo pensamento dos que o haviam conhecido e que desejavam conhecer sua posição, **manifestou-se espontaneamente** por intermédio do **Sr. Morin, um dos médiuns da Sociedade, em estado de sonambulismo espontâneo**. Já várias vezes esse fenômeno se produziu por esse médium e por outros adormecidos no sono espiritual.

**O Espírito que assim se manifesta apodera-se do médium, serve-se de seus órgãos como se ainda estivesse vivo. Então não é mais uma fria comunicação escrita; é a expressão, a pantomima, a inflexão de voz do indivíduo que se tem diante dos olhos.**

Foi nestas condições que se manifestou o doutor Claudius, sem ter sido evocado. [...]. <sup>(65)</sup>

Para nós, não há dúvida alguma de que aqui ocorreu uma incorporação, o Espírito “apodera-se do médium, serve-se de seus órgãos como se ainda estivesse vivo”. Toda a descrição da ocorrência, a mudança de voz é um destaque importante, aponta para o fenômeno no qual o Espírito Dr. Claudius se incorpora no medianeiro.

3ª) **Revista Espírita 1867**, mês de outubro, artigo “Os adeuses”:

Entre as **comunicações** obtidas na última sessão da Sociedade, antes das férias, esta apresentou um caráter particular, que **saiu da forma habitual. Vários Espíritos**, daqueles que são assíduos às sessões, e nela se manifestam algumas vezes, **vieram sucessivamente dirigir algumas palavras** aos membros da Sociedade antes de sua separação, **por intermédio do Sr. Morin, em sonambulismo espontâneo**. Era como um grupo de amigos vindo se despedir, e dar um testemunho de simpatia, no momento da partida. **A cada interlocutor que se apresentava, o intérprete mudava de tom, de postura, de expressão, de fisionomia, e pela linguagem se reconhecia o Espírito que falava antes que fosse nomeado; era bem ele que falava, servindo-se dos órgãos de um encarnado**, e não seu pensamento traduzido, mais ou menos fielmente dado passando por um intermediário; também a identidade era patente, e, salvo a semelhança física, **tinha-se Espírito como quando vivo**. Depois de cada alocação, o médium permanecia alguns minutos absorvido; **era o tempo da substituição de um Espírito por um outro**; depois, retornando pouco a pouco a si, retomava a palavra num outro tom. [...]. <sup>(66)</sup>

Sim, certamente, que essa sessão saiu do habitual, por terem se manifestado, através do Sr. Morin, vários Espíritos num evidente processo de incorporação, por cada um deles. Os detalhes que

foram citados, não permitem dúvida alguma quanto a esse fato.

4ª) **Revista Espírita 1869**, mês de fevereiro, artigo “Um Espírito que crê sonhar”:

Na sessão da Sociedade de Paris, de 8 de janeiro, o mesmo **Espírito veio se manifestar** de novo, não pela escrita, mas **pela palavra, em se servindo do corpo do Sr. Morin**, em sonambulismo espontâneo. **Ele falou durante uma hora, e isso foi uma cena das mais curiosas, porque o médium tomou a sua pose, seus gestos, sua voz, sua linguagem ao ponto que aqueles que o tinham visto o reconheceram sem dificuldade. [...].**

Encolerizado por essas perguntas reiteradas, às quais não respondia senão por estas palavras: “Efeitos bizarros dos sonhos,” ele acaba por dizer: “Vejo bem que me queríeis despertar; deixai-me.” Desde então ele acredita sempre sonhar.

Numa outra reunião, **um Espírito deu sobre este fenômeno** a comunicação seguinte:

**Há aqui, uma substituição de pessoa**, uma simulação. O Espírito encarnado recebe a liberdade ou cai na inação. Digo inércia, quer dizer, a contemplação daquilo que se passa. **Ele está na posição de um homem que empresta momentaneamente a sua habitação**, e que assiste às diferentes cenas que se realizam com

a ajuda de seus móveis. Se gosta mais de gozar da sua liberdade, ele o pode, a menos que não haja para ele utilidade em permanecer espectador.

**Não é raro que um Espírito atue e fale com o corpo de um outro; deveis compreender a possibilidade deste fenômeno, então que sabeis que o Espírito pode se retirar com o seu perispírito mais ou menos longe de seu envoltório corpóreo.** Quando esse fato ocorre sem que nenhum Espírito disto se aproveite para ocupar o lugar, há a catalepsia. **Quando um Espírito deseja para ali se colocar para agir, toma um instante a sua parte da encarnação, une o seu perispírito ao corpo adormecido, desperta-o por esse contato e restitui o movimento à máquina;** mas os movimentos, a voz não são mais os mesmos, porque os fluidos perispirituais não afetam mais o sistema nervoso do mesmo modo que o verdadeiro ocupante.

**Essa ocupação jamais pode ser definitiva;** seria preciso, para isto, a desagregação absoluta do primeiro perispírito, o que levaria forçosamente à morte. Ela **não pode mesmo ser de longa duração,** pela razão de que o novo perispírito, não tendo sido unido a esse corpo desde a sua formação, não tem nele raízes, não estando modelado sobre esse corpo, não está apropriado ao desempenho dos órgãos; **o Espírito intruso** não está numa posição normal; ele é embaraçado em seus movimentos, e é porque deixa **essa veste emprestada** desde que dela não tenha mais necessidade. <sup>(67)</sup>

Após Allan Kardec descrever o que ocorreu ao Sr. Morin, aliás, o mesmo que dissera sobre as características das manifestações anteriores, temos uma mensagem na qual um Espírito dá explicação para o fenômeno de incorporação. De maneira bem simples e resumida podemos dizer: O Espírito do médium afasta-se do seu corpo, ocasião que o manifestante se apossa dele ou, num linguagem mais direta, entra nele, para usá-lo com o fim de dar a sua mensagem ou estabelecer diálogo com os participantes da sessão.

Eis aí o que tínhamos para apresentar a respeito do médium Sr. Morin. Com isso esperamos auxiliar no entendimento sobre o fenômeno mediúnico de incorporação. Acreditamos que haverá os que ainda não aceitarão tal fato, porém, como cada um de nós tem a liberdade de escolha, nada podemos fazer a respeito, apenas nos damos por satisfeitos por realizar a nossa parte.

Fim da transcrição.

Para completar as explicações, vejamos a seguinte fala de Léon Denis, em **Cristianismo e**

## ***Espiritismo:***

[...] **Nos fenômenos de incorporação, essa identidade ainda se torna mais evidente.** Pelas suas atitudes, gestos e dizeres, **o Espírito se revela tal qual era na Terra.** Os que o conheceram em sua precedente encarnação, reconheceram-no integralmente o mesmo; a sua individualidade reaparece em locuções características, em expressões que lhe eram familiares, em mil particularidades psicológicas que escapam à análise e só podem ser apreciadas pelos que estudaram de perto esse fenômeno. <sup>(68)</sup>

Observa-se que nos casos citados a manifestação por incorporação, geralmente, ocorria com os Espíritos falando pela boca do médium. Em razão disso, por muito tempo, esse termo teve o significado de psicofonia, assim esse tipo de médium era chamado de “médium de incorporação”.

Somando-se a isso, temos a explicação de dois autores clássicos que reforçava esse pensamento:

1º) Léon Denis, **No Invisível**, cap. XIX –  
Transe e incorporações:

No corpo do médium, momentaneamente abandonado, pode dar-se uma substituição de Espírito. É o fenômeno das incorporações. A alma de um desencarnado, mesmo a alma de um vivo adormecido, **pode tomar o lugar do médium e servir-se de seu organismo material, para se comunicar pela palavra e pelo gesto com as pessoas presentes.** (69)

2º) Gabriel Delanne, **O Fenômeno Espírita**, cap. III – Mediunidades diversas, tópico “Incorporação ou encarnação”:

**A mediunidade, pela pena**, abrevia e simplifica as comunicações com os Espíritos; porém, **há outro modo ainda mais expedito**, por meio do qual **o Espírito se apodera dos órgãos do médium e conversa por sua boca**, como o poderia fazer se ele próprio estivesse encarnado. Os ingleses e norte-americanos dizem que, nesse caso, o médium está em transe. (70)

Fica, portanto, evidenciada a incorporação, e é por meio dela que o Espírito manifestante tem

plena condição de agir com o corpo do médium.

Com o domínio total do sistema nervoso, além de falar usando a boca do médium (psicofonia), facilmente poderá reproduzir sua caligrafia de quando vivo (psicografia), assim como qualquer habilidade de experiências pregressas (outros tipos de mediunidade).

Julgamos que são os médiuns psicopictográficos os que mais deixam evidente o fenômeno da incorporação pela necessidade do Espírito manifestante ter pleno controle do corpo físico do médium.

Julgamos ser essa a razão pela qual alguns deles pintam de olhos fechados e na penumbra <sup>(71)</sup>, sem falar nos que se utilizam das duas mãos ao mesmo tempo, e outros com os pés, conforme ilustrado nesta imagem <sup>(72)</sup>:



Nos casos de incorporação os médiuns não estão conscientes, estariam em estado sonambúlico, situação que Léon Denis deixou bem claro quando disse: “[...] a incorporação produz uma extinção temporária dos estados de consciência [...].” (73)

## Conclusão

Diante de tudo que foi levantado por nós, passamos a entender que os chamados médiuns inconscientes ou mecânicos podem também agir por incorporação.

Pode ser que estejamos enganados, mas julgamos que somente por esse processo de manifestação podemos ter explicação quanto à produção pelo médium de alguma coisa que não aprendeu ou não tem domínio, uma vez que o Espírito manifestante usa do corpo dele para transmitir ou fazer o que deseja.

Por hipótese, poderíamos elencar quatro categorias de médiuns:

1ª) **Médiuns de efeitos intelectuais:** aptos a receber, por telepatia, mensagens dos Espíritos, transmitindo-as pela escrita ou por voz;

2ª) **Médiuns efeitos físicos:** os que

fornecem ectoplasma para provocar fenômenos de efeitos materiais.

3ª) **Médiuns de semi-incorporação:** (na prática uma incorporação parcial) nos quais os Espíritos agem sobre determinado órgão - mãos e garganta (74) - para produzir o fenômeno mediúnico;

4ª) **Médiuns de incorporação:** aqueles em que os Espíritos se servem do corpo, para transmitir diretamente, por qualquer meio, suas mensagens.

Pela mediunidade de incorporação, nós teríamos o seguinte:

<b>Gênero de mediunidade</b>	<b>Produção mediúnica</b>	<b>Utiliza o corpo do médium:</b>
Incorporação	Psicofonia	Para falar
	Psicografia	Para escrever
	Orador	Para trabalhar na oratória
	Psicopictográfico	Para desenhar ou pintar, seja com as mãos ou com os pés
	Escultor	Para fazer esculturas

	Musicista	Para tocar instrumento musical
	Xenoglossia	Para falar em línguas estrangeiras

Por outro lado, a crença de ocorrer uma espécie de incorporação parcial para os casos de assinatura idêntica, como sendo a entidade se utilizando somente do braço e por ele agir, deve ser revista, pois possivelmente, em tais casos, o que ocorre é uma incorporação total, vamos assim dizer.

Essa possível incorporação parcial, para esses casos, seria como alguém emprestar o seu carro a um amigo e este cismar em dirigi-lo pelo lado de fora, segurando apenas o volante. Certamente, que não terá a mínima chance de dirigir com destreza.

Eis, portanto, as conclusões a que chegamos com a presente pesquisa. As apresentamos não como algo definitivo sem espaço para avaliação, mas como uma possibilidade sujeita à crítica da parte dos inúmeros estudiosos do meio espírita.

Temos plena consciência de pôr não sermos

um cientista não deveríamos ser tão ousados quanto estamos sendo com essa proposição, entretanto, o que nos levou a levá-la à frente foi este pensamento de Léon Denis, o apóstolo do Espiritismo, publicado em ***O Gênio Céltico e o Mundo Invisível***:

**Os espíritas que não cientistas possuem uma grande vantagem sobre os sábios de carreira.** Se estes, são, às vezes, desprovidos de conhecimentos técnicos, em compensação **conservam a liberdade de pensamento e a independência de espírito tão necessários na interpretação dos fatos.** Porque eles consideram esses por si mesmos e não à luz difusa de teorias preconcebidas. [...]. <sup>(75)</sup>

No início, nossa intenção era apenas a de mostrar que, nas obras da Codificação, havia registro de mensagens que traziam a caligrafia do Espírito manifestante, mas julgamos que encontramos elementos que nos levaram um pouco mais longe a ponto de apresentar essa hipótese. Procuramos seguir essa orientação do Codificador: “Não foram os fatos que vieram a posteriori confirmar a teoria: a teoria é que veio

subsequentemente explicar e resumir os fatos.”  
(ALLAN KARDEC) Você, caro leitor, é quem será o  
nosso juiz.

## Referências bibliográficas

### a) Obras impressas e digitais

AKSAKOF, A. *Animismo e Espiritismo - vol. 2*. Rio de Janeiro: FEB, 2002.

ALBERTINI, L. S. *O Além Existe*. São Paulo: Edições Loyola, 1989.

BOZZANO, E. *Cinco Excepcionais Casos de Identificação de Espíritos*. Niterói (RJ): Lachâtre, 1998.

BOZZANO, E. *O Retorno de Oscar Wilde*. (PDF). São Paulo: Autores Espíritas Clássicos, 2016.

DELANNE, G. *O Fenômeno Espírita*. Rio de Janeiro: FEB, 1977.

DELANNE, G. *Pesquisas Sobre Mediunidade*. Limeira (SP): Editora Conhecimento, 2010.

DENIS, L. *Cristianismo e Espiritismo*. Rio de Janeiro: FEB, 1987.

DENIS, L. *No Invisível*. Rio de Janeiro: FEB, 1987.

DENIS, L. *O Além e a Sobrevivência do Ser*. Rio de Janeiro: FEB, 2002.

DENIS, L. *O Problema do Ser, do Destino e da Dor*. Rio de Janeiro: FEB, 1989.

KARDEC, A. *A Gênese*. Brasília: FEB, 2013.

KARDEC, A. *O Céu e o Inferno*. Brasília: FEB, 2013.

- KARDEC, A. *O Livro dos Espíritos*. Brasília: FEB, 2013.
- KARDEC, A. *O Livro dos Médiuns*. Brasília: FEB, 2013.
- KARDEC, A. *O Que é o Espiritismo*. Rio de Janeiro: FEB, 2001.
- KARDEC, A. *Resumo da Lei dos Fenômenos Espíritas*. (PDF) Araras (SP): IDE, 2002.
- KARDEC, A. *Revista Espírita 1858*. (PDF) Brasília: FEB, 2008.
- KARDEC, A. *Revista Espírita 1858*. Araras (SP): IDE, 2001.
- KARDEC, A. *Revista Espírita 1859*. Araras (SP): IDE, 1993.
- KARDEC, A. *Revista Espírita 1860*. Araras (SP): IDE, 2000.
- KARDEC, A. *Revista Espírita 1861*. Araras (SP): IDE, 1993.
- KARDEC, A. *Revista Espírita 1863*. Araras (SP): IDE, 2000.
- KARDEC, A. *Revista Espírita 1864*. Araras (SP): IDE, 1993.
- KARDEC, A. *Revista Espírita 1866*. Araras (SP): IDE, 1993.
- KARDEC, A. *Revista Espírita 1867*. Araras (SP): IDE, 1999.
- KARDEC, A. *Revista Espírita 1869*. Araras (SP): IDE, 2001.
- KARDEC, A. *Viagem Espírita em 1862*. (PDF). Rio de Janeiro: FEB, 2005.

NOGUEIRA, D. *Fenômenos Mediúnicos*. In *Revista Cristã de Espiritismo* – ano 5, nº 30. São Paulo: Editora Escala, s/d, p. 26-31.

PERANDRÉA, C. A. *A Psicografia à Luz da Grafoscopia*. São Paulo: Editora Jornalística Fé, 1991.

## **b) Internet**

ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE CIÊNCIAS FORENSES, *Documentoscopia e Grafotecnia*, disponível em: [http://apcforenses.org/?page\\_id=30](http://apcforenses.org/?page_id=30). Acesso em: 23 nov. 2021.

BASTOS, C. S. *Sr. Morin e Sr. Bertrand*, disponível em: <https://www.facebook.com/HistoriaDoEspiritismo/post/s/789705691793215/>. Acesso em: 22 nov. 2021.

CORREIO ESPÍRITA, *Minhas Experiências com médiuns pintores*, disponível em: <https://www.correioespirita.org.br/categoria-de-materias/mediunidade-espiritismo/1262-minhas-experiencias-com-mediuns-pintores?Itemid=1422>. Acesso em: 26 nov. 2021.

SILVA NETO SOBRINHO, P. *Sr. Morin, médium de incorporação na Sociedade Espírita de Paris*, disponível em: <http://www.paulosnetos.net/artigos/summary/3-artigos-e-estudos/953-sr-morin-medium-de-incorporacao-na-sociedade-espirita-de-paris>. Acesso em: 22 nov. 2021.

## **c) Imagens utilizadas**

Prancheta:

[https://lh3.googleusercontent.com/proxy/YphS2jNSvDi26ASk8x-p84eUfnuo6Hob-WjrpnOmAmqzrGkXNzQIXI\\_BKmlZ1\\_b49fLgNDNq-qpctnVcnK84kYYJBAIWE\\_kM-6\\_QBTBTE4MgsNaxJSDEsH3aQ](https://lh3.googleusercontent.com/proxy/YphS2jNSvDi26ASk8x-p84eUfnuo6Hob-WjrpnOmAmqzrGkXNzQIXI_BKmlZ1_b49fLgNDNq-qpctnVcnK84kYYJBAIWE_kM-6_QBTBTE4MgsNaxJSDEsH3aQ). Acesso em 21 nov. 2021.

Médium escrevendo:

[https://espiritaonline.com/userfiles/posts/big\\_21b4fff6e28091a25881.jpg](https://espiritaonline.com/userfiles/posts/big_21b4fff6e28091a25881.jpg). Acesso em 21 nov. 2021.

Espírito agindo sobre a mão do médium:

[https://images.slideplayer.com.br/33/10431003/slides/slide\\_34.jpg](https://images.slideplayer.com.br/33/10431003/slides/slide_34.jpg). Acesso em: 21 nov. 2021.

Mecânica da psicografia (telepatia):

<https://image2.slideserve.com/4820970/slide4-l.jpg>. Acesso em: 21 nov. 2021.

## Dados biográficos do autor



Paulo da Silva Neto Sobrinho é natural de Guanhães, MG. Formado em Ciências Contábeis e Administração de Empresas pela Universidade Católica (PUC-MG). Aposentou-se como Fiscal de Tributos pela Secretaria de Estado da Fazenda de Minas Gerais. Ingressou no movimento Espírita em Julho/87.

Escreveu vários artigos que foram publicados em seu site [www.paulosnetos.net](http://www.paulosnetos.net) e alguns outros sites Espíritas na Web.

Livros publicados por Editoras:

**a) impressos:** 1) *A Bíblia à Moda da Casa*; 2) *Alma dos Animais: Estágio Anterior da Alma Humana?*; 3) *Espiritismo, Princípios, Práticas e Provas*; 4) *Os Espíritos Comunicam-se na Igreja Católica*; 5) *As Colônias Espirituais e a Codificação*; 6) *Kardec & Chico: 2 missionários. Vol. I*; e 7) *Espiritismo e Aborto*.

**b) digitais:** 1) *Kardec & Chico: 2 missionários. Vol. II*, 2) *Kardec & Chico: 2 missionários. Vol. III*; 3) *Racismo em Kardec?*; 4) *Espírito de Verdade, quem seria ele?*; 5)

*A Reencarnação tá na Bíblia; 6) Manifestações de Espírito de pessoa viva (em que condições elas acontecem); 7) Homossexualidade, Kardec já falava sobre isso; 8) Chico Xavier: uma alma feminina; 9) Os nomes dos títulos dos Evangelhos designam seus autores?; 10) Apocalipse: autoria, advento e a identificação da besta; 11) Chico Xavier e Francisco de Assis seriam o mesmo Espírito?; 12) A mulher na Bíblia; 13) Todos nós somos médiuns?; 14) Os seres do invisível e as provas ainda recusadas pelos cientistas; 15) O Perispírito e as polêmicas a seu respeito; 16) Allan Kardec e a lógica da reencarnação; 17) O fim dos tempos está próximo?; 18) Obsessão, processo de cura de casos graves; 19) Umbral, há base doutrinária para sustentá-lo?; 20) A aura e os chakras no Espiritismo; 21) Os Quatro Evangelhos, obra publicada por Roustaing, seria a revelação da revelação?; 22) Espiritismo: Religião sem dúvida; 23) Allan Kardec e suas reencarnações; 24) Médiuns são somente os que sentem a influência dos Espíritos?; 25) EQM: prova da sobrevivência da alma; 26) A perturbação durante a vida intrauterina; e 27) Os animais: percepções, manifestações e evolução.*

Belo Horizonte, MG.

e-mail: [paulosnetos@gmail.com](mailto:paulosnetos@gmail.com)

- 1 ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE CIÊNCIAS FORENSES, *Documentoscopia e Grafotecnia*, disponível em: [http://apcforenses.org/?page\\_id=30](http://apcforenses.org/?page_id=30)
- 2 KARDEC, *Revista Espírita 1858*, p. 9.
- 3 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 35-36.
- 4 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 215.
- 5 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 169.
- 6 KARDEC, *Revista Espírita 1858*, p. 17-18.
- 7 KARDEC, *Revista Espírita 1858*, p. 316.
- 8 KARDEC, *Revista Espírita 1860*, p. 86.
- 9 KARDEC, *Revista Espírita 1860*, p. 266.
- 10 KARDEC, *Revista Espírita 1861*, p. 5.
- 11 KARDEC, *Revista Espírita 1861*, p. 55-56.
- 12 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 275-281.
- 13 KARDEC, *Revista Espírita 1861*, p. 282-283.
- 14 KARDEC, *Revista Espírita 1861*, p. 328-329.
- 15 KARDEC, *Revista Espírita 1858* – FEB, p. 304-305.
- 16 KARDEC, *Revista Espírita 1858* – FEB, p. 307.
- 17 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 275-278.
- 18 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 279.
- 19 KARDEC, *Revista Espírita 1860*, p. 163-165.
- 20 DELANNE, *Pesquisas Sobre Mediunidade*, p. 496.
- 21 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 279-280.
- 22 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 280.
- 23 AKSAKOF, *Animismo e Espiritismo* – vol. 2, p. 247.
- 24 Nota Transcrição (N.T.): *Revue Scientifique es Morale du Spiritisme*, fevereiro de 1915.
- 25 DENIS, *O Além e a Sobrevivência do Ser*, p. 60-62.

- 26 DENIS, *No Invisível*, p. 275.
- 27 Gabriel Delanne também cita esse caso, porém o nome que menciona é Robert Dale-Owen, escritor espiritualista. (DELANNE, *Pesquisas Sobre Mediunidade*, p. 501)
- 28 DENIS, *No Invisível*, p. 321.
- 29 N. T.: N.E. Este caso será mais profundamente analisado no capítulo V desta obra, com o título “Surpreendente caso de identificação espírita”.
- 30 BOZZANO, *Cinco Excepcionais Casos de Identificação de Espíritos*, p. 40.
- 31 BOZZANO, *Cinco Excepcionais Casos de Identificação de Espíritos*, p. 87.
- 32 PERANDRÉA, *A Psicografia à Luz da Grafoscopia*, p. 56.
- 33 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 19-21.
- 34 KARDEC, *O Que é o Espiritismo*, p. 171.
- 35 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 184.
- 36 BOZZANO, *O Retorno de Oscar Wilde*, p. 14.
- 37 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 205-208.
- 38 KARDEC, *O Que é o Espiritismo*, p. 94-95.
- 39 Mecânica da psicografia (telepatia), disponível em: <https://image2.slideserve.com/4820970/slide4-l.jpg>
- 40 Espírito agindo sobre a mão do médium: [https://images.slideplayer.com.br/33/10431003/slides/slide\\_34.jpg](https://images.slideplayer.com.br/33/10431003/slides/slide_34.jpg).
- 41 KARDEC, *Revista Espírita 1861*, p. 219-220.
- 42 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 236.
- 43 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 233.
- 44 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 213.

- 45 KARDEC, *Revista Espírita* 1869, p. 111.
- 46 BOZZANO, *O Retorno de Oscar Wilde*, p. 13-14.
- 47 ALBERTINI, *O Além Existe*, p. 19.
- 48 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 196.
- 49 KARDEC, *Revista Espírita* 1863, p. 228.
- 50 KARDEC, *Revista Espírita* 1863, p. 366.
- 51 KARDEC, *Revista Espírita* 1858, p. 72.
- 52 KARDEC, *Revista Espírita* 1858, p. 204.
- 53 KARDEC, *Revista Espírita* 1858, p. 222.
- 54 KARDEC, *Viagem Espírita em 1862*, p. 10.
- 55 KARDEC, *Revista Espírita* 1858, p. 316.
- 56 KARDEC, *Viagem Espírita em 1862*, p. 10.
- 57 ALBERTINI, *O Além Existe*, p. 19.
- 58 DENIS, *Cristianismo e Espiritismo*, p. 190.
- 59 KARDEC, *Revista Espírita* 1864, p. 109.
- 60 KARDEC, *A Gênese*, p. 260.
- 61 KARDEC, *A Gênese*, p. 257-258.
- 62 SILVA NETO SOBRINHO, Sr. Morin, médium de incorporação na Sociedade Espírita de Paris, disponível em:  
<http://www.paulosnetos.net/artigos/summary/3-artigos-e-estudos/953-sr-morin-medium-de-incorporacao-na-sociedade-espirita-de-paris>
- 63 BASTOS, *Sr. Morin e Sr. Bertrand*, disponível em:  
<https://www.facebook.com/HistoriaDoEspiritismo/posts/789705691793215/>
- 64 KARDEC, *Revista Espírita* 1866, p. 335.
- 65 KARDEC, *Revista Espírita* 1867, p. 235.
- 66 KARDEC, *Revista Espírita* 1867, p. 315-316.

- 67 KARDEC, *Revista Espírita* 1869, p. 49-50.
- 68 DENIS, *Cristianismo e Espiritismo*, p. 190.
- 69 DENIS, *No Invisível*, p. 249.
- 70 DELANNE, *O Fenômeno Espírita*, p. 105.
- 71 O médium Luiz Antônio Gasparetto (1949-2018) é citado no artigo “Minhas Experiências com médiuns pintores”, sem identificação do autor, publicado no site do *Correio Espírita*, pelo link:  
<https://www.correioespirita.org.br/categoria-de-materias/mediunidade-espiritismo/1262-minhas-experiencias-com-mediuns-pintores?Itemid=1422>
- 72 A médium Valdelice Salum é citada por Deuza Nogueira, no artigo “Fenômenos Mediúnicos” publicado na *Revista Cristã de Espiritismo* nº 30, da editora Escala, p. 27.
- 73 DENIS, *O Problema do Ser, do Destino e da Dor*, p. 184.
- 74 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, item 166: [...] Neles [médiuns falantes] o Espírito atua sobre os órgãos da palavra, como atua sobre a mão dos médiuns escreventes. [...]. (p. 174-175)
- 75 DENIS, *O Gênio Céltico e o Mundo Invisível*, p. 261.